

libertárias

JORNAL BIMESTRAL

SÃO PAULO/BRASÍLIA

Nº 1

SETEMBRO/OUTUBRO DE 1989

SET. NCz\$ 4,00 OUT. NCz\$ 5,00

DESENHO DE TAKASHI FUKUSHIMA



"Jardim selvagem"

- Ser mau com humor *Luis Buñuel* Paraíso Infernal *Edson Passetti*
- Entrevista *Jaime Cuberos* Surrealismo e Anarquismo *André Breton*
- Revolução Francesa Os libertários "esquecidos" *Luiz Pilla Vares*
- A Cidade, o Romântico, o Anarquista *Sérgio Norte* Kropotkin
- Proudhon e a Revolução Francesa *Paulo-Edgar Resende*
- Nós os verdes, Nós os anarquistas *Murray Bookchin*
- Woodstock *Jorge Ferreira*

INFORMES LIBERTÁRIOS

Coletivo Nacional Rádios Livres

Os ouvintes interessados em entrar em contato com as rádios livres de todo Brasil, podem enviar correspondência ao Coletivo Nacional Rádios Livres à Rua Barra Funda, 797, CEP 01152, São Paulo - SP.

As pessoas ou grupos que se comprometem com a liberdade nos meios de comunicação e desejam instalar suas rádios livres com transmissores FM, podem entrar em contato com o CNRL, que obterão respostas.

Dia 25 de setembro, dia do rádio, será o dia das transmissões coletivas, entre 12 e 15 horas. Coloque sua rádio no ar! Ouvinte: "Capte-nos!"

Centro de Cultura Social

Palestras aos sábados - 16 horas
Rua Rubino de Oliveira, 85 - Brás

O DIA DE ALAN

Texto e direção: Vladimir Capella. Com Helio Zacchi, Jacqueline Cordeiro, Selma Luchesi e outros. As angústias e medos de um jovem estudante em busca

de integração na escola. O universo fantasioso e simbólico das crianças serve como elemento questionador do sistema educacional e do mundo adulto. Teatro João Caetano, sábados e domingos às 16:00 horas.



GRUPO NACIONAL DE LIBERTÁRIOS

Em setembro

São Bernardo 15/16
Campinas 19/20
Santos 22/23
Rio Claro 26/
Sorocaba 28/29

Anarquismo hoje

Ciclo de Palestras
(Rio de Janeiro)

29 de agosto a 19 de setembro
3^{as} e 5^{as} às 19:30 horas

Palestrantes:

Maurício Tragtenberg (UNICAMP)
Paulo Henrique Zucchi (UFRJ)
Carlos Henrique Escobar (Filósofo)
Leonardo Morelli (COB)
José Carlos Orsi Morel (CCS)
Roberto Freire (SOMA)

Local:

Instituto de Filosofia e Ciências
Sociais - IFCS
Largo do S. Francisco, 1

Promoção:

Centro de Estudos Libertários (RJ)
Grupo Anarquista José Oiticica
CAE. 9

Voto Livre Voto Obrigatório

DEBATE NO TUCA

12 de setembro, 19:30 horas
Jaime Cuberos (Centro de Cultura Social)
José Álvaro Moisés (PT)
José Augusto Guilhon de Albuquerque (PSDB)
Edson Passetti (PUC - SP)

Promoção:

Jornal "Libertárias"
Dep. de Política da PUC (SP)
Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACCS)
Centro de Cultura Social
TUCA (Fundação Cultural São Paulo)

Revista UTOPIA

Publicação Trimestral e editada por:
GRUPO UTOPIA
Caixa Postal 15001
20155 Rio de Janeiro - RJ

TUCA

O Teatro da Universidade Católica - TUCA - vem desempenhando um importante papel na vida cultural de São Paulo. Na história deste teatro, o verbo ousar nunca deixou de estar presente, talvez por isso mãos criminosas o incendiaram na noite de 22 de dezembro de 1984. Nesses quatro anos foram organizadas atividades para arrecadar fundos para a reconstrução do TUCA. Hoje a universidade já está promovendo também a reconstrução cultural do teatro, que criará um espaço para todas as manifestações artísticas, sem ranços ou loteamentos culturais.

SUMÁRIO

| | | | | | |
|---|------------|---------------------------------|--------------|---|--------------|
| A Cidade, O Romântico, O Anarquista | Pág. 3 | Proudhon e a Revolução Francesa | Pág. 9 e 10 | Ser Mau com Humor | Pág. 15 |
| Entrevista: Jaime Cuberos | Pág. 4 e 5 | Kropotkin | Pág. 11 | Woodstock | Pág. 16 |
| Nós os Verdes, Nós os Anarquistas | Pág. 6 e 7 | Anarquismo e Educação | Pág. 12 e 13 | Paraíso Infernal | Pág. 17 e 18 |
| A Revolução Francesa Os Libertários "Esquecidos" | Pág. 8 | Surrealismo e Anarquismo | Pág. 14 | Bakunin contra o Moisés do Proletariado | Pág. 19 |

libertárias

Editores:
Plínio Augusto Coelho, Jorge Ferreira Silva, Cibele Troyano, Edson Passetti

Colaboradores:
Takashi Fukushima, Paulo Edgar Resende, Sérgio A. Queiroz Norte, Luiz Pilla Vares, Jaime Cuberos, Reginaldo Mattar Nasser, Cristiano Luiz Sottano, Roberto Yukio, Raimundo Hemetérios, Gabriel Cabral, Célia Gambini, Ana Candida Costa

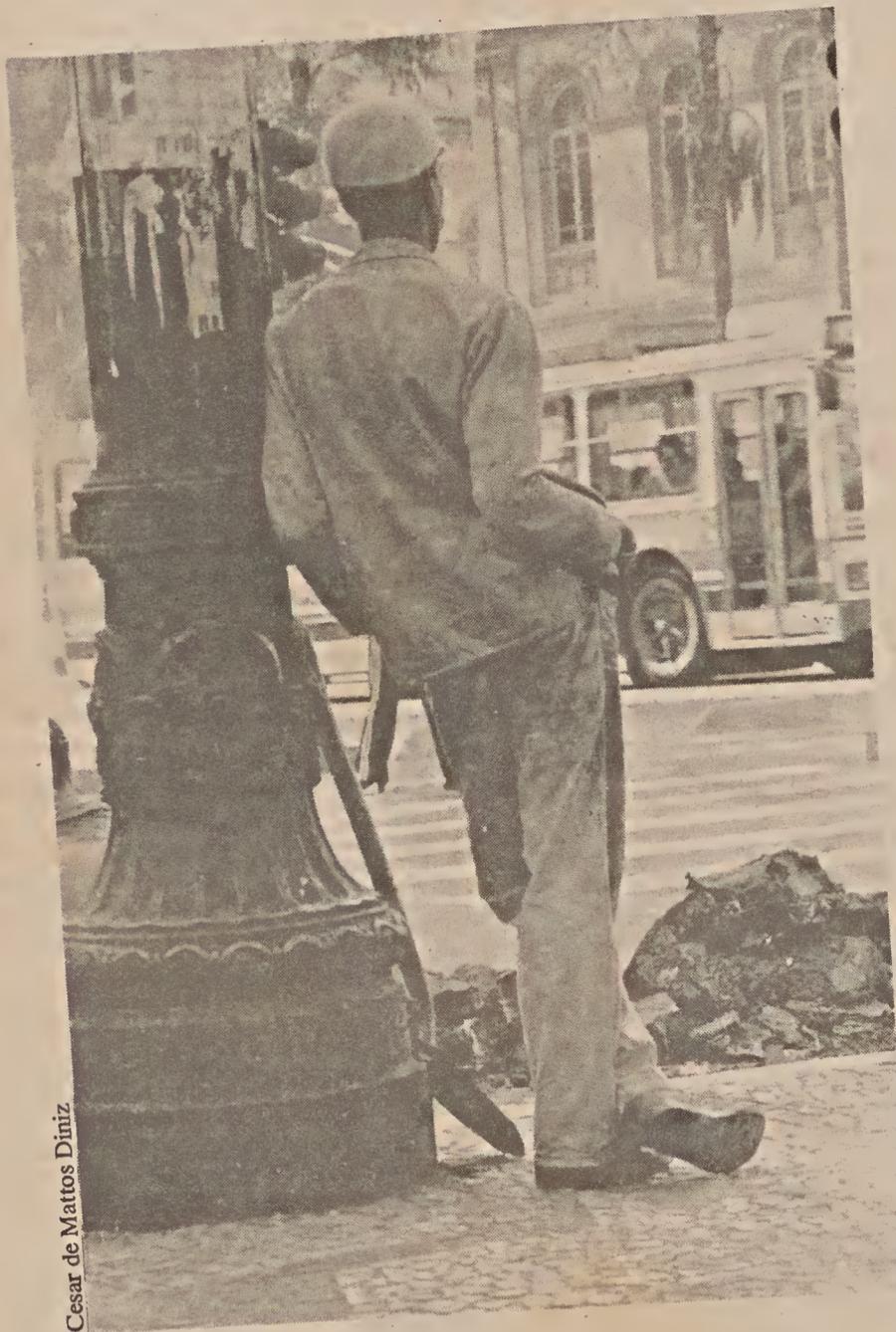
Apoio:
Cortez Editora, Livraria Palmarinca, Livraria Presença, Centro de Cultura Social, RWA Artes Gráficas

Diagramação: Dario Silveira
Composição e fotolito: Página Vip Editora
Fone: 270-7120 - 278-6468
Impressão: Empresa Folha da Manhã

Uma publicação NOVOS TEMPOS EDITORA
Rua General Jardim, 228 - conj. 11
Tel: (011) 258-9188
01223 - São Paulo - SP
Cartas para Caixa Postal 45.384

A Cidade, o Romântico, o Anarquista

Sérgio Augusto Queiroz Norte (*)



Cesar de Mattos Diniz

A CIDADE

“Trabalhar sempre sem brincar faz de João um mau rapaz.” A cidade moderna produz maus rapazes, já não tinha lugar para a fruição dos prazeres da caça ou da cama e apoiava-se numa ética produtivista, consumidora e de negação do indivíduo.

Os espaços privilegiados da cidade são: a fábrica, a ferrovia e os cortiços. O centro é a fábrica que determina o próprio ritmo urbano.

Deixemos o olhar vagar por este

cenário que fascina e amedronta, entremos em becos escuros alertas para não tropeçarmos nas barricadas de lixo. Casas e rostos indistintos, pouca luz e quase nenhum verde; o cenário cinzento e monótono se repete quarteirão após quarteirão.

A rua dos bairros pobres se revela o local mais propício para uma tentativa de vida em comum, o palavreado festivo - etílico dos bares, o papo furado nas barracas e até o inesperado do artista de rua, cantador, malabarista, saltimbanco e mendigo.

A arte da violência encontra seu palco e local de maior expressão por detrás da aparente ordem e uniformidade burocrática da cidade. A impossibilidade da experiência compartilhada, a desumanização determinada pelo maquinismo, o anonimato na multidão propiciam o desvio, a estética da violência.

A experiência, o viver do cidadão é cada vez menor no sentido de interpretar, narrar sua própria vida. O jornal, na sua tentativa de escamotear os acontecimentos de toda e qualquer relação com a experiência do leitor, impossibilita a experiência individual. A informação breve, nova, inteligível e o caráter desconexo das notícias entre si paralisa o coração e mente dos seus leitores:

O ROMÂNTICO

O romantismo pensou a história e se pensou historicamente abandonando (sob a influência predecessora do século das luzes) o teocentrismo e adotando o progresso enquanto sucedâneo do arbítrio divino. Derivado do iluminismo encontrará nas concepções ou idéias-força, tais como nação, povo, massa, opinião pública, os motores da evolução histórica e do caminho da perfectibilidade do homem e da sociedade.

Assume também uma visão pluralista onde não temos a História e sim histórias. Não devemos esquecer que junto ao nacionalismo moderno o movimento romântico também geraria uma forte conotação de messianismo popular com conteúdo social, e que esta “mística do povo” está presente em toda a gênese e desenvolver do assim chamado socialismo utópico e também deixará suas marcas no pensamento de Proudhon e até nos criadores do assim chamado socialismo científico.

O espírito romântico ao privilegiar o eu egocêntrico rebate o eu racional dos iluministas em busca de uma idade de ouro perdida; notemos que a visão romântica é impregnada de um alto teor espontaneísta que contagiará não apenas as expressões literárias e artísticas, mas também a política, principalmente a vertente libertária. Esse ânimo rebelde do romantismo está prenhe de um cunho social ao insurgir-se contra o status quo e tentar

colocar-se como profeta, guia, porta-voz do povo.

O ANARQUISTA

O anarquista é um romântico tardio e exaltado, tanto o espírito romântico quanto o espírito libertário tentam construir com os cacos da modernidade uma representação que talvez não seja mais possível.

Essa busca do infinito, da totalidade, essa intuição do ser difuso, inconstante, incoerente, criador e criatura da natureza está presente não apenas nos versos românticos, mas também em toda trajetória cultural libertária. Poderíamos comparar o verso de Blake ao discurso desconfiado de Bakunin quanto à ciência e também aos textos da libertária brasileira Maria Lacerda de Moura.

Para românticos e libertários a literatura teria o caráter de síntese, de unificação e de totalização o que lhe daria uma função pedagógica de formação humanista que reivindica para a arte uma função revolucionária.

Tanto o romântico como o anarquista ao sentirem-se possuidores de verdades ainda não atingidas pela maioria da população, ao sentirem-se estrangeiros em sua própria terra são indivíduos desenraizados mais próximos dos loucos e das crianças do que da normalidade imposta pela racionalidade contábil da burguesia.

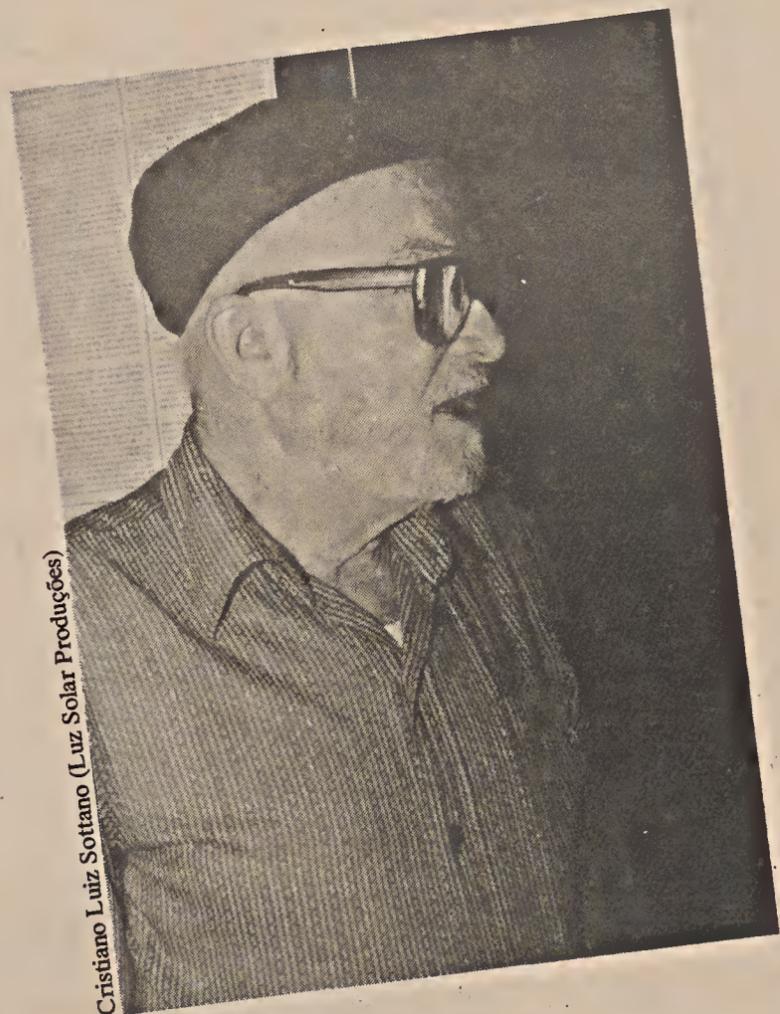
Essa atitude rebelde (comum ao romântico e ao anarquista), essa insatisfação permanente abriria caminho ao satanismo, onde a sede de conhecimento, poder e domínio não teria raízes meramente humanas e sim num conflito profundamente teológico.

Satã fonte do vigor do espírito e da imaginação para Blake também seria a fonte de rebeldia primeva para incontáveis libertários. De Bakunin a Roberto das Neves (Diário do Doutor Satã), Lúcifer, anjo caído e primeiro rebelde, sempre foi uma fonte de inspiração.

Quem seriam os anarquistas que se lançam nesta aventura, nesta loucura iluminada, o que eles representam em relação à multidão ou mesmo em relação aos militantes do movimento operário?

* Professor do Departamento de História, UNESP - Assis. Autor do livro “Bakunin sangue, suor e barricadas, 1989, Ed. Papyrus.

J A I M E C U B E R O S



Cristiano Luiz Sottiano (Luz Solar Produções)

O anarquismo foi, sem sombra de dúvida, a corrente de maior influência sobre os trabalhadores no começo do século. Hoje, vemos uma certa redescoberta das idéias anarquistas, tanto por setores da intelectualidade como entre a juventude. Como você interpreta este fenômeno?

Penso que, na realidade, há um renascer do anarquismo, bem mais intenso do que a primeira vista possa parecer. Em nosso país, como em outros da América Latina, egressos de ditaduras militares, a influência do mesmo fenômeno se desenvolvendo em países do primeiro mundo, principalmente na Europa, é muito importante.

A partir dos anos 60, nas manifestações de jovens, estudantes e operários, viam-se surgir ao lado das bandeiras vermelhas a bandeira negra, o sinal de reunião dos anarquistas. E o anarquismo, freqüentemente adulterado e desconhecido, passa bruscamente para a atualidade em maio de 1968, num dos mais importantes acontecimentos da história da França, depois da Comuna de Paris. Fato que até hoje é objeto de estudos.

A revolta de Maio de 1968, surpreendendo todos, mesmo os mais sofisticados teóricos marxistas, situacionistas e até alguns anarquistas, provocando a indignação dos bem-pensantes defensores da obediência e da hierarquia e assombrando aqueles que acreditavam que o anarquismo estava para sempre sepultado, fez nascer em muitos o desejo de se instruir e penetrar no pensamento libertário.

Embora não houvesse um movi-

mento anarquista que pudesse catalizar a revolta, esta deixa marcas profundas. Edições de Bakunin e outros voltaram a circular, não só na França, mas também em outros países. Apareceram muitos escritos dando ao anarquismo uma visão por vezes distorcida e tendenciosa, como ainda hoje, mas o movimento cresce e seus reflexos chegam a nós.

A revolta de Maio de 68 destruiu o mito do "Estado do Bem Estar", de que os recursos da moderna sociedade industrial, totalmente voltada para o consumo, pode neutralizar todas as formas de oposição revolucionária. A ânsia de viver e criar. O desejo de liberdade, fundada na solidariedade, em oposição à competição em todos os níveis, lógica do capitalismo, é latente nos seres humanos e pode explodir em circunstâncias imprevisíveis. A burocracia e o autoritarismo dos partidos marxistas que vão sendo reconhecidos como o maior entrave à organização livre dos trabalhadores e do povo, já não iludem como antes, e menos ao se travestirem em social-democratas, defensores do capitalismo. O desencanto com os políticos profissionais, com o parlamento, com todas as falsas noções de socialismo estão levando as pessoas preocupadas com os problemas sociais a pensar na alternativa libertária.

Que perspectiva você vê para o anarco-sindicalismo na atualidade? Acredito que o anarco-sindicalismo tem fundamentos de uma validade incontestável, enquanto instrumento e meio de luta e nunca como um fim em

si mesmo. Hoje passa por uma crise de crescimento, após o grande refluxo sofrido depois da Revolução Espanhola. Penso que para superar essa crise muitos conceitos devem ser reformulados. A realidade vai se transformando e as estratégias devem evoluir em conformidade a essa transformação. Basta o exemplo do conceito de operário, que vem desde o século passado e ainda é mantido em estatutos e documentos de sindicatos e da própria A.I.T. (Associação Internacional dos Trabalhadores) e que hoje, face ao surgimento de uma múltipla gama de atividades nos vários setores da produção e serviços, envolvendo técnicos e trabalhadores de diferentes níveis, passa a ser excludente. Restrições previstas em estatutos ao ingresso nas associações ou sindicatos de pessoas no exercício de cargos de níveis mais elevados, relegando a afinidade de idéias a um segundo plano, ainda existem em muitos casos.

Hoje se fazem estudos - A USI (União Sindical Italiana, Seção da A.I.T.) encaminhou proposta de reforma de estatutos para o XVIII Congresso da A.I.T. com alterações nesse sentido - seminários e congressos, como por exemplo: as II Jornadas Internacionais de Debate Libertário, sobre "Novas Tecnologias e Sociedade", realizada em Barcelona, Espanha, de 2 a 4 de junho de 1989, e cuja temática aborda o assunto, aprofundando a realidade do mundo do trabalho face à automação, tecnologia avançada etc., visando novas estratégias para o anarco-sindicalismo. Penso que sua grande missão é sobretudo pedagógica, como ocorreu nos anos que antecederam à revolução na Espanha, mas com estratégias próprias a cada realidade. O fenômeno de novas tecnologias e sua aplicação industrial, está provocando desde sua origem não só uma profunda reconversão dos meios de produção e serviços, mas também toda uma nova filosofia que afeta a recomposição das classes sociais, o mercado mundial do trabalho e a própria concepção de trabalho como um direito reconhecido na maioria das constituições e inclusive até as liberdades individuais. As repercussões da revolução tecnológica ainda não estão definidas. De maneira cada vez mais acelerada aparecem novos dados que obrigam os estudiosos a reformularem conceitos econômicos, jurídicos, culturais e sociais. O movimento libertário, em geral, considera urgente, para não ficar à margem do processo, que se acelera, fazer um esforço necessário para enfrentar o desafio e fazer a conexão das antigas aspirações do anarquismo com as possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento e a radical garantia da liberdade.

Há semelhanças, mas também há diferenças fundamentais entre a América Latina e o terceiro mundo e os países avançados, E.U.A., Europa, Japão etc. Ou o anarco-sindicalismo se recicla e se adapta às novas realidades ou estagna e regride. O que tem que ser mantido intacto é o princípio

de ação direta e jamais participar de partidos políticos ou de órgãos estatais.

Os pensadores anarquistas contemporâneos, como por exemplo Murray Bookchin, quase não falam de anarco-sindicalismo. O que você acha disso? Murray Bookchin, entre outros pensadores anarquistas modernos, não priorizam o anarco-sindicalismo, penso eu, por várias razões; a história nos mostra até que extremos a burocratização e o autoritarismo atingiram as organizações sindicais, e até organizações anarco-sindicalistas, quando perdem conteúdo libertário, como ocorreu com a C.G.T. Francesa, uma grande força que acabou se burocratizando e depois degenerou por influência marxista após a Revolução Russa. Basta ler *Historie du Mouvement Ouvrier en France*, Jean Montreuil, Edições Aubier, Paris, 1947.

Bookchin, que defende com força idéias espontaneístas, a variabilidade, a riqueza das diferenças, a libertação da criatividade na diversidade, acreditando nas relações harmoniosas sem idéias preconcebidas, valorizando muito as possibilidades dos grupos de afinidade, voltado para o estudo dos grandes movimentos da atualidade como o ecologista, o pacifista e outros que se constituem em forças contra o Estado e o autoritarismo, não se preocupa com o anarco-sindicalismo atual, embora, como acontece com outros pensadores, seja convidado a participar de seminários e jornadas internacionais onde não se deixa e discutir a vigência do anarco-sindicalismo.

Qual a posição dos anarquistas frente às eleições presidenciais que se aproximam?

Já por tradição o movimento anarquista considera, e hoje mais do que nunca, que participar das eleições, votando, é dar legitimidade a um sistema que ele combate e no qual não acredita. Toda vez que alguém vota, está delegando a outro, que não o conhece, o poder de coação. O poder de obrigá-lo a agir - mesmo contra seu próprio interesse contra sua vontade. É nisso que se resume uma eleição. Portanto, como no Brasil o voto é obrigatório e a abstenção é sujeita a sanções que atingiram pessoas não convictas, faremos campanha pelo voto nulo.

Porque somente os anarquistas são contra a obrigatoriedade do voto e do serviço militar?

Não creio que somente os anarquistas sejam contra a obrigatoriedade do voto e do serviço militar. Conheço muita gente que não é anarquista e se posiciona contra essas imposições do Estado. Os anarquistas apenas denunciam com ênfase essas violências do Estado contra os indivíduos.

É antológico o confronto entre o Anarquismo e a Igreja. Atualmente, como os anarquistas analisam as posições da chamada Igreja Progressista?

A histórica atitude anticlerical do

movimento anarquista, justificada pela posição reacionária e hipócrita da Igreja, defensora e ela mesma usufrutuária dos privilégios e da mais vil injustiça, não impede um exame desapassionado da ação desses setores da Igreja no terceiro mundo quando se confronta com o poder constituído em defesa dos oprimidos. recebemos materiais de diversos organismos desse setor da Igreja onde se fala de socialismo libertário e de autogestão. Conhecemos sacerdotes que se dizem adeptos das idéias libertárias e contestam a hierarquia da Igreja - estranhos caminhos que colocam católicos e anarquistas com os mesmos objetivos, como o Movimento Católico Libertário dos E.U.A. Sabemos dos padres que morrem no apoio à luta dos "Sem-Terra" e dos posseiros, na batalha contra o terror do latifúndio no Brasil. Também sabemos do ódio profundo manifestado pelos setores conservadores da Igreja contra esses setores mais radicais da Teologia da Libertação, e considero, sob pena de cair num dogmatismo esterilizante, que não devemos combater aqueles que em outras frentes, lutam contra a injustiça, a violência do Estado e a iniquidade do sistema capitalista. Isto sempre sem perder o senso crítico em relação àqueles que usam de todos os meios para a tomada do poder e ainda não esquecendo as palavras de Umberto Eco, quando diz que "a Igreja sempre teve duas faces: uma progressista e uma conservadora, estando aí um dos segredos de sua perenidade".

Hoje, os anarquistas, ao combatem a religião, combatem a instituição, o poder político da mesma, e não o impulso religioso, que ao ser combatido de forma totalitária, acaba por ser transferido, na deificação da figura do líder, como Marx, - hoje o marxismo não passa de uma religião dogmática - Lenin, Stalin etc. ou o próprio Estado na abstração do "Grande Irmão", de George Orwell. Herbert Read, em seu livro "Anarquia e Ordem" trata com muita propriedade do problema da religião nas sociedades humanas e que os anarquistas não podem desconhecer e nem tratar de forma dogmática.

Você acha que o anarquismo está na moda ou a credibilidade do Estado começa a ruir?

O Estado atingiu tal hipertrofia, penetra, coarta, limita, constrange, sufoca e esmaga de tal maneira a vida dos indivíduos, que, hoje, amplos setores da sociedade se esforçam em opor limites à sua expansão. De fato, a credibilidade no Estado, em que pese a alienação de imensas camadas da população, está em franco declínio. O agravamento de problemas insolúveis nas sociedades fundadas na instituição do Estado, tanto de capitalismo privado quanto de capitalismo estatal, como os países ditos "socialistas", está levando ao descrédito cada vez mais acentuado do papel do Estado. Cabe a nós anarquistas, apontar caminhos alternativos que levem à autogestão social.

Você teria críticas ao movimento anarquista atual?

O movimento anarquista, em franco desenvolvimento na atualidade, como não poderia deixar de ser, está sujeito

ao aparecimento de grupos e indivíduos que por desinformação assumem posições equivocadas que descaracterizam a autêntica imagem do anarquismo. Muita gente está usando símbolos, chegam a promover atos públicos, defendem algumas posições anarquistas mas também cometem distorções lamentáveis. Em certos círculos, dizer-se anarquista, hoje, dá status de inteligência e prefigura um certo modismo. Mas os anarquistas acreditam que a liberdade é a principal condição para o constante aperfeiçoamento social. O fortalecimento harmônico do movimento, fundado nos autênticos princípios libertários se encarregará de escoimar as distorções presentes e futuras.

É possível construir uma sociedade libertária futura servindo-se do instrumental teórico dos pensadores anarquistas clássicos?

Há uma imensa bagagem de idéias positivas na obra dos pensadores anarquistas clássicos, cuja validade me parece permanente. Se encontramos aspectos que se relacionam com a época, os lugares e as circunstâncias dos autores e que hoje não teriam atualidade, há uma imensa contribuição em seus escritos que fundamentam os postulados básicos do anarquismo, cuja essências e valor são de uma permanência que se revela nas constantes históricas, invariável na atualidade e perspectiva futura.

Se não nos deixaram modelos de uma sociedade libertária - o que seria uma incongruência - muito nos ensinaram sobre o que não se deve fazer. Penso que não podemos dispensar um sólido conhecimento desse instrumental teórico, pois é na aplicação de seus princípios que serão enfrentadas todas as variáveis possíveis para a construção de uma sociedade libertária.

Jaime, como você interpretaria a tão propagandeada Perestróika?

A estagnação da economia soviética - Abel G. Agambegui, principal conselheiro da Gorbachev, declarou que durante o 10º Plano Quinquenal (1981-1985) a taxa de crescimento foi zero - com a produção diminuindo gradativamente, tornando a URSS dependente de importação de produtos agrícolas, e um imenso atraso da tecnologia industrial em relação ao Ocidente - embora em setores de pesquisa científica, como a espacial, haja avanços - conjugada aos imensos investimentos na indústria bélica (25% da mão de obra ativa da URSS é empregada nesse setor), mantendo um exército ativo com mais de dez milhões de efetivos, tudo concorrendo para o declínio da qualidade de vida do povo. Esses fatores explicam a ascensão de Gorbachev, e a "perestróika" explica a luta surda pela consolidação no poder de seu grupo contra o domínio monolítico dos vetustos burocratas que o antecederam.

As reformas de Gorbachev visando a modernização da indústria, onde só 35% das empresas empregam computadores, enquanto no Japão e nos E.U.A. a utilização chega a 100%, implica a "glasnost", quer dizer, liberdade de informação e abertura política, mas isso não significa abolir o imenso peso da burocracia no sistema econômico-político soviético, embora possa haver algum esforço para redu-

zi-lo, assim com reduções no brutal orçamento militar, visando melhorar as condições do povo. Tal é a contradição da tão propagandeada "perestróika".

Você acha que enquanto a Educação continuar nas mãos do Estado, da Igreja dos poderosos interesses econômicos, existe possibilidade de reverter este quadro de injustiça social?

A luta pela transformação social passa por todas as instâncias da atividade humana. E é evidente que há todo um sistema educacional voltado para a reprodução e perpetuação dos fundamentos da atual sociedade. Um sistema que, aliado aos meios de comunicação de massa, se constitui em uma poderosa arma de coação mental, que ao lado da força armada, sustentam o regime de iniquidade em que vivemos.

A lógica capitalista e a corrupção das mentes começa na pré-infância, com um ensino fundado na competição, através de prêmios e castigos, que se acentua à medida que os níveis vão se elevando, moldando um comportamento de luta por vantagens sobre os semelhantes. Contra isso os anarquistas opõem a pedagogia libertária, fundada na cooperação, na solidariedade, no desenvolvimento do potencial criativo do ser humano, revertendo o padrão de valores que regem o comportamento. A possibilidade de reverter o quadro será proporcional ao esforço que o movimento

anarquista desenvolve em todas as frentes.

O que é ser anarquista?

Ser anarquista é antes de tudo uma atitude ética. Ante a iniquidade, um ímpeto de justiça leva o anarquista a romper racional e afetivamente com o sistema vigente. Romper com a autoridade é afirmar a própria independência humana. É um ato cabalmente anarquista. Equivale à confiança de que se possui o poder e os recursos da sua natureza básica na qual a vida social é possível sem a mão "protetora" do Estado.

Ser anarquista é procurar realizar no cotidiano a plenitude do ato humano, e o ato humano só o é quando livre, fundado na vontade, no conhecimento dos fins e no poder de realizá-lo. Contra todo viciamento do ato humano a luta do anarquista não tem limites.

Ser anarquista é lutar pela liberdade de todos, tendo consciência de que a liberdade dos outros aumenta a própria e não a limita.

Eu poderia dizer muito sobre o que penso do que é ser anarquista...

* Jaime Cuberos, é secretário do Centro de Cultura Social - SP.

Cristiano Luís Sottano (Luz Solar Produções)



Nós os verdes, nós os anarquistas

Murray Bookchin (*)

Murray Bookchin ocupa, há vários anos, um lugar relevante na reformulação de uma tese de mudança, no sentido libertário. Talvez sua especificidade resida em sua colocações a respeito da ecologia social, chamada por ele de ecologia da liberdade.

A preocupação de Bookchin em torno desses temas, longe de ser somente filosófica, é a de partir das realidades já existentes, agindo sobre elas. E é no seio de tudo isso que surge o tema não pouco contraditório dos "verdes".

O presente artigo foi sua conferência em um convênio internacional organizado pelos verdes italianos em setembro de 1987 e nos parece um valioso convite ao debate.

Atualmente, nossa relação com o mundo natural está atravessando uma fase crítica, sem precedentes na história da espécie humana. Recentes estudos sobre o "Efeito Estufa" realizados nos EUA, demonstram que temos que encontrar imediatamente um modo de fazer diminuir a porcentagem de monóxido de carbono presente na atmosfera na qual vivemos, caso contrário, não somente ocorrerão graves mutações químicas, como também a própria sobrevivência da espécie humana estará em grave perigo.

Trata-se pura e simplesmente de um problema de contaminação pelos venenos com os quais nos alimentamos. A alteração dos grandes ciclos geológicos poderia por fim à vida humana neste planeta. De minha parte, estou consciente da necessidade de reagir imediatamente contra os processos que estão destruindo a terra. Sou totalmente solidário aos grupos ambientalistas, e, nos últimos 30 anos, estive envolvido cotidianamente em atividades pela defesa do ambiente: contra a destruição do solo e o uso incontrolado de pesticidas e de biocidas, pela promoção da reciclagem e de um crescimento qualitativo e não só quantitativo.

Estes problemas ambientais vêm me preocupando há anos e décadas, e ainda hoje continuam me inquietando. Estou de acordo com vocês sobre a necessidade de bloquear os reatores nucleares e de pôr fim pa contaminação da atmosfera, das terras agríco-



las, dos cultivos, enfim, liberaram-nos dos venenos que estão se difundindo por todo o planeta e que põem em perigo nossa espécie e a vida como um todo. Compartilho tudo isso com vocês, mas gostaria que fôssemos um pouquinho mais longe em nossas reflexões. De fato, acho essencial que nossos questionamentos se ampliem, porque colocar remendos aqui e ali não resolve os verdadeiros problemas. Possivelmente conseguiremos fechar uma fábrica que polui a atmosfera.

Mas afinal, o que conseguimos? Uma nova central nuclear. Vivemos num mundo baseado no intercâmbio de contrapartidas e continuamos nos comportando de acordo com essa lei. Passamos de um mal maior a um menor e de um mal a outro mal, definitivamente, continuamos piorando a situação geral. Não se trata apenas de uma questão de planos para produção de energia, por mais importantes que estas sejam; nem tampouco o problema está tão somente nos automóveis, por mais importante que seja a questão

dos gases contaminantes; tampouco o problema se encontra nos danos que causamos à agricultura ou no congestionamento e na contaminação dos centros urbanos.

O problema é outro, mais grave: estamos reduzindo o planeta. Estamos dissolvendo os ecossistemas que se formaram em milhares de anos. Estamos destruindo as cadeias alimentícias. Estamos rompendo os laços naturais e atrasando o relógio evolutivo em milhões de anos no tempo, recuando às épocas em que o mundo era muito mais simples e não tinha a possibilidade de sustentar a vida humana.

UMA VISÃO DE MUNDO MAIS COERENTE

Se a tecnologia é um problema importante, o seu controle é ainda mais essencial. É claro que necessitamos de uma tecnologia nova. Necessitamos de uma tecnologia baseada na energia solar e na eólica. Necessitamos de novas formas de agricultura. Sobre isso não

há dúvida, estamos todos de acordo. Mas existem problemas mais graves do que aquele criados pela tecnologia e pelo desenvolvimento modernos. E antes de tudo temos que buscá-los nas origens de uma economia baseada no conceito de "crescimento": a economia de mercado, uma economia que promove a competição e não a colaboração, que se baseia na exploração e não no viver em harmonia. E quando digo viver em harmonia, não penso somente na nossa relação com a natureza, mas também na relação entre as próprias pessoas. Temos que nos voltar para a construção de uma sociedade ecológica que mude completamente, que transforme radicalmente nossas relações básicas. Enquanto vivermos numa sociedade que caminha para a conquista, para o poder, fundada na hierarquia e na dominação, não faremos mais do que piorar o problema ecológico, independentemente das concessões e pequenas vitórias que possamos obter. Por exemplo, na Califórnia, doaram-nos alguns hectares de árvores e em seguida devastaram bosques inteiros. Na Europa estão fazendo a mesma coisa. Prometem acabar com as chuvas ácidas e elas continuam caindo. Decidem colocar no mercado alimentos naturais, não contaminados pelos pesticidas e efetivamente a porcentagem de veneno diminui, todavia o pouco que resta está contaminado pelos venenos mais perigosos para o organismo.

Nosso problema não é somente melhorar o ambiente, parar as centrais nucleares, bloquear a construção de novas estradas, impedir a construção, expansão e superpopulação das cidades, a contaminação do ar, da água e dos alimentos. A questão que temos que enfrentar é muito mais profunda.

Temos que alcançar uma visão do mundo muito mais coerente. Não temos que ficar protegendo as aves, esquecendo as centrais nucleares e nem lutar contra as centrais nucleares, esquecendo-nos das aves e da agricultura. Temos que compreender os mecanismos sociais de uma maneira coerente. Temos que enfocá-los com uma lógica que preveja uma transformação radical na sociedade e na nossa própria sensibilidade. Enquanto essa transformação radical não começar, conseguiremos apenas coisas pequenas, de pouca importância. Ganharemos algumas batalhas, mas perdere-

mos a guerra, melhoraremos alguma coisa, mas não obteremos nenhuma vitória. Estamos atravessando hoje em dia o momento culminante de uma crise ambiental que ameaça nossa própria sobrevivência, temos que avançar para uma transformação radical, baseada numa visão coerente que englobe todos os problemas. As causas da crise têm que aparecer claras e lógicas, de maneira que todos - inclusive nós - as possamos entender. Em outras palavras, todos os problemas ecológicos e ambientais são problemas sociais, que têm a ver fundamentalmente com uma mentalidade e um sistema de relações sociais baseadas na dominação e nas hierarquias. Estes são os problemas que nos acarretam hoje em dia a grande difusão da cultura tecnológica.

NENHUM PRESENTE DA PARTE DO ESTADO

O que devem, fazer então os verdes? Primeiramente, temos que clarificar as idéias. Devemos evidenciar a relação existente entre os problemas ecológicos e os problemas sociais. Temos que demonstrar que uma sociedade baseada na economia de mercado, na exploração da natureza e na competição, acabará por destruir o planeta. Temos que fazer o possível para que as pessoas entendam que para resolver de uma vez por todas os problemas com a natureza, é preciso que se dê importância às relações sociais. As pessoas precisam entender que tudo deve se unificar numa visão de mundo coerente, numa visão baseada numa análise, numa crítica e em soluções no nível político, pessoal e histórico. Isso significa dar outra vez força ao povo. Temos que criar uma cultura política com uma visão libertária e não apenas limitarmos a um projeto, que o Estado deve executar. Temos que criar uma literatura política, uma cultura política que levem as pessoas a participar, liberando-se, autonomamente, desse tipo de economia, de sociedade e de sensibilidade.

No movimento feminista, começa-se a discutir a demonização do homem sobre a mulher, a partir da própria estrutura familiar. Nos movimentos comunitários, fala-se de necessidades à "escalada humana" e de dar força aos bairros, às comunidades, às regiões.

Estes são os temas mais importantes discutidos nos Estados Unidos. Em relação à tecnologia, não temos que nos preocupar somente com a sua maior eficiência ou com sua renovação, temos que inventar uma tecnologia criativa, que além de promover um trabalho mais criativo, contribua para melhorar o mundo natural, ao mesmo tempo em que melhore o modo e a qualidade de nossas vidas.

Mas tudo isso não nos chegará de

cima. Não será uma pretensão do Estado. Não pode traduzir-se por uma lei aplicada por um Parlamentar. Deve ser o fruto de uma cultura popular, de uma cultura política e ecológica difundida pelo povo. Então, não teremos mais que elaborar estratégias para mudar a sociedade, usando as várias organizações existentes. Teremos que elaborar estratégias libertárias que levem o povo e às pessoas a participarem do processo de transformação social porque nenhuma mudança real e radical se efetivará na sociedade, a menos que as pessoas desejem mudá-la.

Quando falamos de ecologia, falamos de participação no mundo natural. Isto é, que nós, como seres humanos, compartilhamos a esfera da vida juntos, com todos os demais seres vivos, e, com isso, buscamos aplicar um sistema de relações que nos faça participar do ecossistema. Mas eu lhes pergunto, queridos amigos, se queremos ser verdes, se queremos esverdear o planeta: como poderemos fazê-lo sem esverdear a própria sociedade? E se queremos esverdear a sociedade, como podemos pensar numa participação do mundo natural que não leve em consideração a participação popular na vida social? Se quisermos conquistar o poder para mudar a sociedade, garanto-lhes que iremos perder. E não somente porque alguns de nós, mesmo com toda a boa fé do mundo, acabaríamos por ser condicionados pelo poder, emotiva e psicologicamente. Isto já aconteceu a alguns de meus melhores amigos entre os Verdes alemães, que com boas intenções e com boa fé se viram no Parlamento, promovendo coalizões, alianças e usando o poder de cima para baixo. De alguma maneira eles se tornaram também líderes espirituais que aspiram ao poder. Agora, reciocinam em termos de "males menores" de um mal "sempre menor", que, no final, os levará ao pior de todos os males. Isto é que a História nos tem ensinado sempre.

VERDE PROFUNDO

Já está na hora de nós, verdes, propormos uma visão libertária, uma visão anarquista que leve as pessoas a um movimento Verde, que possa ser um movimento Verde no sentido mais profundo do termo. Um movimento Verde que não se limite apenas em levar adiante um projeto coerente ou que unifique todos os problemas num programa de análise comum, mas um movimento no qual o homem seja o primeiro protagonista de sua história. Temos que apoiar a criação de uma sociedade libertária: ecolibertária. É o que nos têm ensinado as experiências alemãs e americanas.

Também aqui, nos Estados Unidos, alguns movimentos têm buscado per-

seguir objetivos Verdes atuando "de cima", através das leis e sempre tiveram que ceder, abandonar uma posição atrás da outra.

Quero dizer com isto que não temos que nos empenhar na concretização de mudanças que possam, atrasar ou bloquear a desagregação da sociedade atual e do mundo natural. Sei que não temos muito tempo à nossa disposição. Os problemas são reais e envolvem também as duas próximas gerações e talvez nem mesmo elas sejam decisivas no que diz respeito à sobrevivência da nossa espécie e à conservação de nosso habitat e de nosso planeta. De qualquer forma, se não pudermos dar às pessoas uma imagem unitária, uma visão ao mesmo tempo prática e ética, que questione sua sensibilidade, provavelmente quem tomará o poder será a direita, os reacionários.

Hoje, nos Estados Unidos, a direita qualifica-se a si mesmo como "a maioria moral", e diz "vamos devolver à vida seu significado. Vamos devolver às relações humanas seu significado". E, por azar, o restante da esquerda americana não faz outra coisa além de falar de "progresso", de "centralização" e de todas as mesmas coisas que o socialismo repete há 150 anos.

Primeiro temos que recuperar aquele terreno sobre o qual as pessoas estão buscando a Verdade e não tão somente a sobrevivência: uma maneira de viver que fale em qualidade e não só de quantidade. Temos que difundir uma mensagem para todos, uma mensagem que se dirija para a base da sociedade, que a faça partícipe, que lhe ensine o que significa ser cidadão e decidir autonomamente. Em outras palavras, temos que elaborar uma nova política, uma política Verde que transforme a velha política autoritária e centralista, baseada nas estruturas dos partidos e na burocracia. Isto é o mais importante que temos que aprender. Se não o conseguirmos, os movimentos verdes serão absorvidos pouco a pouco pelos movimentos tradicionais. O objetivo principal se dissolverá frente aos pequenos objetivos a curto prazo. Os compromissos com os "males menores" nos levarão sempre a males piores. As pessoas dirão: o que é isso? A mesma política de sempre? A mesma burocracia de sempre? O mesmo parlamentarismo que sempre tivemos? Por que teria eu que votar verde? Por que teria que dar força aos verdes? Por acaso não deveria também continuar apoiando a democracia cristã, ou o Partido Comunista, ou qualquer outro partido que garanta resultados imediatos e satisfações imediatas?...

Nossa responsabilidade como Ver-

des, na Europa, na América do Norte, na Alemanha e em tantas outras partes do mundo, e sobretudo na Itália, já que vocês estão apenas começando, é conhecer aquilo que vem ocorrendo nos movimentos verdes há 5 ou 10 anos.

Temos que nos dar conta de que devemos substituir a velha política tradicional dos partidos, por uma política verde. Devemos por energia a nível de base nas comunidades, devemos elaborar análises que tenham maior alcance que o puro ambientalismo e que os problemas importantes aos quais nos dedicamos cotidianamente (pesticidas, energia nuclear, Chernobyl).

Temos que propor novas alternativas, novas instituições fundadas em uma democracia local, na participação local, que possam constituir um novo poder contra o Estado centralizado, que possam constituir um novo sistema de relações sociais, que possibilitem que um número cada vez maior de pessoas tome parte ativa numa política realmente libertária. Esta é a única alternativa que pode evitar que caiamos na mesma política de partidos, corrupta e rebaixada, que envolve as pessoas cínicas, indiferentes, sempre mais encerradas em suas próprias esferas privadas.

UM MOMENTO DE TRANSIÇÃO

Deixem-me concluir com uma última consideração de importância. Não estamos lutando somente para melhorar nossas relações humanas. Assim como o sistema de mercado, o sistema capitalista também continua reduzindo não só a obra complexa de milhões de anos, mas inclusive o espírito humano. Estão reduzindo o próprio espírito da humanidade, estão lhe tirando a complexidade e a plenitude que contribuem para a formação de personalidades criativas. Por isso, nossa política não deve ter como único objetivo salvar o planeta e criar uma sociedade verde, ecológica, de caráter libertário e uma alternativa política de base. Devemos ir mais além ainda: se não pusermos um fim à "simplificação" do planeta, da comunidade e da sociedade, o espírito humano deverá ser reduzido a tal ponto (com lixo do tipo DALLAS, Dinastia, e outros programas televisivos) que se acabará até com o próprio espírito de rebeldia, o único capaz de promover uma mudança social e um esverdeamento real do planeta.

Estamos vivendo hoje um momento de transição, não só de uma sociedade para outra, mas também de transição para uma nova personalidade. Muito obrigado!!!

Publicado na revista italiana "A" nº 141.

A Revolução Francesa

Os Libertários "esquecidos"

Luiz Pilla Vares (*)

Nas comemorações do bicentenário da Grande Revolução Francesa, a burguesia mundial fez a festa em Paris. Com toda a razão, aliás, pois afinal de contas foi ela a grande beneficiária da revolução que começou em 1789. Beneficiária e não o sujeito principal do processo revolucionário: então, nada melhor do que carnavalizar o acontecimento a fim de não reabrir uma discussão incômoda que pode colocar novamente os velhos problemas pendentes há séculos e que há 200 anos a plebe da França tentou resolver, contra a Coroa, os aristocratas e os ricos. Estão certos, portanto, os herdeiros da Gironda, nestes tempos em que a França conservadora de verniz socialista faz tudo para esquecer o seu incômodo passado. Um passado turbulento, de irreverência das massas, de insubmissão, de luta frontal contra o Estado e contra todas as espécies de privilégios.

Kropotkin dizia que a Revolução Francesa "foi um mundo em ação". Mas é justamente isso que a carnavalização pretende esconder, camuflar, tergiversar. Distorcer. Assim, os novos girondinos trocam o "mundo em ação" pelo mundo imóvel dos ditadores, dos presidentes, dos primeiros-ministros e até dos reis e rainhas que a Revolução, com tanto empenho e energia pretendeu transformar em cinzas. Na festa do bicentenário, o que se viu foi a vingança de Versalhes sobre a plebe. Os salões se abriram para os chefes de Estado (até o "nosso" Sarney, com uma comitiva digna de Luis XVI estava lá). Para a plebe, a festa enganadora na rua, que da Revolução não tinha nada. O barrete frígio foi substituído pelos trajes elegantes da burguesia mundial, satisfeita consigo mesma. Certa de que os incômodos da Revolução Popular não serão lembrados nesses 200 anos. Para o mundo, via satélite, luzes e som, o brilho ofuscante para deixar nas sombras a verdade de que ainda há opressores e oprimidos, de que o Estado se tornou ainda mais poderoso do que o absolutismo dos tempos de Luis XVI. Os Campos Elíseos se transformaram na passarela cor de rosa do engano. O ritual da Corte e da aristocracia cedeu seu lugar para os ritos burgueses: em vez dos castiçais, o raio laser. A plebe que tomou a Bastilha e, pela primeira vez na história, tentou colocar em prática a democracia direta e o autogoverno, a comuna e o federalismo ainda espera a sua vez. E quando isso ocorrer, com certeza a festa será completamente diferente. Será um novo e gigantesco Woodstock, celebrando a vida, o "mundo em ação", liberto dos preconceitos, de toda e qualquer forma de opressão, das classes e do Estado.

Mas a ofensiva da nova Gironda não se dá apenas nos rituais e na carnavalização do bicentenário. Atravessa o Atlântico e surge através de uma enorme onda ideológica "revisionista", liderada pelo historiador François Furet, organizador do *Dicionário Crítico da Revolução Francesa* e autor de *Marx e a Revolução Francesa* e *Pensando a Revolução Francesa*, todos já traduzidos em português. A obra de Furet tem um objetivo claro: quer ser o atestado de óbito da Revolução. Com uma linguagem "civilizada", não possui a agressividade de Burke, mas, no fundo, seu conteúdo é o mesmo: a revolução não era necessária.

Nada contra a "revisão" da história. Não estamos aqui para defender verdades estabelecidas de uma vez para sempre, mas

para a busca do conhecimento, inclusive no terreno histórico. E é preciso desmistificar a pseudoimparcialidade, especialmente quando se trata de um assunto não devidamente concluído como o foi o processo revolucionário francês de dois séculos atrás. O debate com Furet e sua escola, portanto, é até útil e necessário, até mesmo para se sacudir a poeira das interpretações escolásticas que alguns setores do marxismo vinham dando ao fato, quase sem contestações. Aliás, é de se salientar que um historiador de origem marxista, Michel Vovelle, também traduzido no Brasil, surge como uma espécie de anti-Furet. Vovelle, descontando-se sua defesa clássica do jacobinismo, tem uma visão não-ortodoxa da Revolução Francesa. Dignos de nota são os seus estudos profundos sobre a **mentalidade revolucionária**, os quais certamente contribuem muito para se ter uma perspectiva mais global daqueles dias tumultuosos.

E, é claro, na esteira da febre do bicentenário, surgem as reedições do marxismo clássico, como a obra (importantíssima) de George Lefebvre, ou a simplificação esquemática do historiador soviético A. Manfred, que repete a velha e desgastada tese de que a revolução tinha um caráter burguês e que seus resultados não poderiam ser outros a não ser aqueles que conduziram a burguesia ao poder de Estado.

No entanto, todo o conhecimento da Grande Revolução Francesa de 1789 será incompleto se dela for extirpada a perspectiva libertária. Mesmo alguns historiadores marxistas clássicos, como Albert Soboul, por exemplo, não negam que o processo revolucionário transcendeu - e muito - os limites de a burguesia pretendia lhe impor. Mas este aspecto do processo revolucionário ou é apenas tangenciado ou simplesmente colocado entre parênteses, sem as necessárias conclusões. Por isso mesmo, não chega a ser estranho que na enxurrada de traduções sobre a França revolucionária, os libertários tenham ficado no esquecimento. Esquecimento? A palavra certamente é suave para esta deliberada omissão. Esta seria compreensível até se a bibliografia libertária sobre o assunto fosse inferior aos volumosos estudos marxistas que vão desde a *História Socialista da Revolução Francesa*, de Jean Jaurès, passando por A. Mathiez, Labrousse, Saboul e Lefebvre, até os dias atuais com os livros eruditos de Michel Vovelle. Mas não é assim. Pelo contrário, a compreensão do processo revolucionário francês se torna mutilada se dela forem excluídos dois autores fundamentais que escreveram livros clássicos sobre a revolução: o anarquista Piotr Kropotkin e o francês Daniel Guérin, militante revolucionário e historiador do anarquismo e dos movimentos libertários.

Kropotkin escreveu *A Grande Revolução Francesa 1789-1793*, um livro fascinante que chegou a encantar o próprio Trotsky. A obra de Kropotkin teve uma edição brasileira, há mais de 30 anos, em 1955, pela Livraria Progresso Editorial, de Salvador, Bahia, em dois volumes. O grande anarquista russo tem como o centro de suas preocupações nesta obra desvendar a outra revolução francesa, que sempre foi sistematicamente relegada a um plano secundário ou simplesmente ignorada pelos que vêm sempre a evolução da humanidade através das diferentes formas de Estado. Kropotkin viu na Revolução a sua verdadeira face: o movimento espontâneo das

grandes massas exploradas, as quais buscavam não a reconstrução do Estado centralizado, não a ditadura, mas a democracia direta, a comuna autodeterminada e foi além, numa conclusão incômoda: "... o que hoje se percebe ao estudar a Grande Revolução, é que ela foi o manancial de todas as concepções comunistas, anarquistas e socialistas de nossa época. Pouco conhecíamos a mãe de todos nós; mas, hoje, encontramos-a entre os *sans-culottes*, e vemos o que temos a aprender com ela... A França dedicou a sua atenção, sobretudo, à questão da propriedade rural e, ferindo mortalmente o regime feudal, alcançou também a grande propriedade e lançou no mundo a idéia da nacionalização do solo, do comércio e das principais indústrias... O certo é que seja qual for a nação que entre hoje na senda das revoluções, ela herdará de quanto os nossos avós fizeram em França. O sangue que estes derramaram, derramaram-no pela humanidade. Os sofrimentos que padeceram, padeceram-nos por toda a humanidade. As suas lutas, as idéias que propagaram, o embate de todas essas idéias - tudo isso é patrimônio da humanidade. Tudo isso deu os seus frutos e dará ainda muito mais e mais belos, abrindo à humanidade largos horizontes, com as palavras **Liberdade, Igualdade, Fraternidade**".

Certamente, uma conclusão desse tipo, após um volumoso, erudito e científico trabalho, incômoda, especialmente quando se pretende disseminar a idéia de que "a revolução está morta", como o afirma François Furet. Kropotkin vê no "mundo em ação" que foi a França revolucionária de 1789 e 1793 uma importante etapa da longa luta da humanidade por sua libertação. E não se pense tratar de um livro dogmático: o historiador russo é capaz de passar por cima de suas posições para nos restituir a verdade. Eis como ele se refere a Robespierre, por exemplo: "Por pouco simpático que nos seja Robespierre, é necessário reconhecer que ele se desenvolvia com a Revolução, e sempre tomou a peito as desditas do povo. Já em 1791, ele falava à Constituinte a favor da restituição das terras comunais às comunas aldeãs. Agora, que de dia para dia observava o egoísmo proprietário e mercantil, punha-se francamente do lado do povo, da Comuna revolucionária de Paris - dos conhecidos então por **anarquistas**".

E, se de Piotr Kropotkin temos pelo menos uma edição brasileira, ainda que mais de 30 anos tenham decorrido, o mesmo não se pode afirmar de uma das mais importantes obras sobre a Revolução, elogiada por Jean-Paul Sartre em *A Crítica da Razão Dialética*: trata-se do clássico livro de Daniel Guérin, *A Luta de Classes na Primeira República*, publicado pela primeira vez na França, em 1946, pela célebre editora Gallimard, refundido posteriormente, no início de 1968, com o título *Bourgeois et Bras Nus*. Teria sido simples coincidência o fato de que a obra de Guérin tenha sido reeditada alguns meses antes do incrível Maio parisiense de 1968? Ou era um sinal dos tempos? Uma exigência espiritual dos jovens revolucionários que se insurgiam contra todos os dogmas e buscavam na tradição libertária da Grande Revolução aquele fio condutor de que nos falava Kropotkin?

O fato é que a obra clássica de Daniel Guérin nunca teve a sua edição brasileira, apesar de já existir uma versão portuguesa, de 1977, editada pela Regra do Jogo, de

Lisboa. Infelizmente, porém, o leitor brasileiro não tem a seu dispor este livro fundamental para o conhecimento do processo revolucionário e ninguém entre os editores ricos deste País se decidiu pela empreitada, embora tenham lançado com todo o peso publicitário na edição do milionário *Dicionário* de François Furet. Daí não se conclua que critiquemos a publicação de Furet. Longe disso: é até mesmo imprescindível a leitura de Furet e de sua visão conservadora do processo revolucionário. O que se afirma é que é impossível um estudo sério da Grande Revolução sem a leitura da obra de Daniel Guérin, especialmente *A Luta de Classes na França na Primeira República*. E dizemos especialmente porque existem mais duas obras de Guérin sobre o assunto praticamente desconhecidas do leitor brasileiro. A primeira delas, *Jeunesse du Socialisme Libertaire*, foi publicada no final dos anos 60 por uma pequena editora de Porto Alegre, com tiragem reduzida, passando quase que totalmente despercebida no País. No entanto, a *Jeunesse du Socialisme Libertaire*, publicada em Paris em 1959 pela editora Marcel Rivière e traduzida para o espanhol pela Proyeccion, de Buenos Aires, em 1964, com o título *Marximos y Socialismo Libertario*, tem um capítulo fundamental para o estudo teórico da Revolução Francesa. Trata-se de *A Revolução Desjacobinizada*, onde ele analisa o fato de que no processo revolucionário francês, "pela primeira vez na história se enfrentam de forma clara embora não plenamente, as noções antagônicas de liberdade e imposição, de poder estatal e poder de massas". Ou, ainda, que "a grande lição de 93 consiste em ter demonstrado não apenas que a democracia direta é praticável, mas também que quando a vanguarda de uma sociedade está em minoria em relação ao país que conduz, não pode evitar, na batalha de vida ou morte que é toda revolução, impor sua vontade à maioria, primeiramente - e de preferência - pela persuasão e, se esta falha, pela coação. E, repetindo Pierre Naville, escreve que "na crítica do Estado residia a essência da Revolução Francesa". Além disso, faz um alerta que, passados 30 anos do lançamento da obra, ainda mantém toda a sua atualidade, inclusive para a esquerda brasileira: "Os revolucionários modernos devem se precaver tanto do reformismo, como do jacobinismo. Jacobinismo e socialismo proletário configuram duas táticas, duas doutrinas, duas psicologias separadas entre si por um abismo. Embora ambos sejam intransigentes, suas intransigências são qualitativamente diferentes. A tentativa de introduzir os métodos jacobinos no movimento de classe do proletariado, nas revoluções proletárias do século XX, não é mais do que oportunismo. Tal tentativa, da mesma forma que o reformismo, revela a tendência a ligar o proletariado com uma ideologia, uma tática e, por último, uma psicologia estranha e hostil a seus interesses de classe". A conclusão de Guérin, na *Revolução Desjacobinizada*, é a mesma a que chegara Kropotkin, isto é, a Grande Revolução deu origem a todas as formas modernas de socialismo, que podem se esquematar em duas grandes correntes de pensamento, as quais "através de todo o século XIX, prolongam-se até nossos dias: a corrente jacobina autoritária e a corrente libertária".

Finalmente, permanece também sem

Continua na página 9

uma tradução brasileira o intrigante panfleto de Guérin intitulado **A Revolução Francesa e Nós**, que deveria ser originalmente um prefácio para **A Luta de Classes**, de 1946, mas que acabou se tornando uma obra independente que seria publicada em 1976 pela saudosa editora François Maspero, de Paris. Por sua repercussão, **A Revolução Francesa e Nós** teve uma edição espanhola (Editora Villalar, Madri) apenas um ano depois de sua publicação na França. O pequeno livro conclui assim: "A burguesia francesa foi a mais feroz das burguesias. O povo considerado como o mais educado e o menos rude da Terra estava submetido a uma máfia parasitária não apenas de exploradores implacáveis, mas de contrarrevolucionários frenéticos. Os versalheses continuam ainda hoje no poder. Se tivessem oportunidade e meios, hoje não seriam menos bárbaros. Cuidado com os novos versalheses!"

Certamente, uma conclusão desse tipo é inconveniente num momento em que se pretende condenar no tribunal da história o terror revolucionário e, com ele, a própria Revolução. Os libertários também se opõem ao terror emanado do Estado, imposto por ele. Mas não negam às massas o direito à Revolução e, como conseqüências disso, o inevitável **ajuste de contas**, desde que ele seja feito de baixo para cima, sem se institucionalizar como forma permanente de coação estatal. Estas conclusões não convêm aos novos versalheses, que proclamam aos quatro ventos a "morte da revolução". Todavia, e se mesmo assim ela estiver apenas começando, poderá proclamar, por cima da carnavalização, como Rosa Luxemburgo o fez às vésperas de sua morte, no magistral **A Ordem Reina em Berlim**: "Fui, Sou e Serei".

(*) *Secretário Municipal da Cultura, de Porto Alegre (RS). Autor dos livros Socialismo e Liberdade (1985), Glasnost, a Primavera Vermelha (1986), O Pescador de Pérolas- Por um Marxismo Vivo (1988), O Anarquismo-Promessas de Liberdade (1988). Com outros autores, Rosa, a Vermelha (1987) e Ética e Trabalho (1989).*



Proudhon e a Revolução Francesa

Paulo-Edgar A. Resende (*)

A Revolução é tema constante da reflexão de Proudhon, de cujo marco parte. Em o **Que é a Propriedade** vê a França de 1789, pobre e oprimida, debater-se na tríplice armadilha do absolutismo real, da tirania dos senhores e do Parlamento, e da intolerância sacerdotal. O movimento republicano está entranhado de contradições, a partir do fato de terem sido mantidos os princípios contra os quais se lutara, e a influência dos mesmos preconceitos. Fala-se da gloriosa Revolução Francesa, da regeneração de 1789, das grandes reformas que se realizaram, da mudança de instituições. "Mentira, mentira! repete Proudhon. O povo, por tanto tempo vítima do esgoísmo monárquico, acreditou libertar-se dele para sempre, declarando-se a si mesmo soberano. Enquanto na monarquia se dá a soberania de um homem, em 89 se proclama a soberania do povo, ou melhor, da maioria nacional. Multiplica-se o soberano, mas de fato não se realiza nenhuma revolução no governo. Subsiste o mesmo princípio, já que o povo-rei não pode exercer a soberania por si mesmo: é obrigado a delegá-la aos encarregados do poder, pouco importando que os encarregados do poder sejam cinco, dez, cem mil. Nestas condições, o que a suposta revolução revolucionou? Esta soberania

foi exercida primeiro pela Convenção, depois pelo Diretório, mais tarde confiscada pelo Consulado. O Imperador ousou pedir o sufrágio do povo, quer dizer, sua abdicção dessa soberania inalienável, e o conseguiu. Nesta linha de raciocínio, vem a pergunta: afinal no que consiste a soberania? Afirma-se que é o poder de fazer leis. O povo, que vira os reis basear decretos no prazer de editá-los, em cinquenta anos da Revolução promulgou uma batelada de leis, mas, por obra de seus representantes. A lei, que na monarquia era expressão da vontade do rei, na república quer ser expressão da vontade do povo. A realidade concreta é que, com exceção da diferença quanto ao número de vontades, os dois sistemas são perfeitamente idênticos, são da mesma qualidade. Num e noutro o erro é o mesmo: a afirmação da lei enquanto expressão da vontade, quando devia ser a expressão de um fato. Porque produto da vontade, a soberania, na definição de Toullier - citado por Proudhon - é reduzida à onipotência humana: é uma força, uma faculdade. Deixa de ser um direito. A soberania é, em decorrência disto, poder. Na passagem da soberania monárquica para a soberania republicana há uma transmissão de poder. Não é afirmação de um direito en-

quanto fato fundamental.

Com efeito, as preocupações e os preconceitos contra os setores populares são perceptíveis na retóricados novos legisladores. O povo tinha sofrido enorme quantidade de exclusões. Em seu benefício, os representantes fizeram a declaração da igualdade perante a lei. Porém, nem a Constituição de 1790, nem a de 93, nem a Constituição outorgada, nem a Constituição aceita souberam defini-la. Todas supõem a desigualdade de classe, que torna vazia a igualdade de direitos. A Declaração dos Direitos do Homem é indiscutivelmente bela, reconhece Proudhon, mas admirá-la é uma tolice, pois o povo acabou por limitar os reis, ou foi induzido a fazê-lo. A lista dos benefícios, imbutida na Declaração, está nas mãos dos mandatários e representantes, os quais não temem contrariar seu benigno soberano.

Estão consagrados em 1789 três princípios fundamentais que já norteavam enquanto parâmetro a sociabilidade do Antigo Regime: a soberania da vontade do homem, a desigualdade de de haveres e de classe, e a propriedade. Acima deles se fala da Justiça de modo abstrato, desgarrado. De fato

Continua na pág. 10



estamos diante do produto ilegítimo de uma confusão de coisas diferentes, de uma fatal associação de idéias, apontadas em **Da Capacidade Política das Classes Trabalhadoras**: concede-se à classe operária a capacidade política, reconhecida como direito, formalizada através da adoção do sufrágio universal, mas impedimentos são colocados para o efetivo exercício deste mesmo direito. Os oráculos da Revolução buscam demonstrar, com tom doutoral, que desde 89 não havia mais castas, tributárias de cuja existência seriam as propostas de representações operárias. O operário, argumentam, ao ser admitido na representação nacional, torna-se expressão da sociedade, não de sua classe. A candidatura deste operário tem um caráter retrógrado. No nível da política, nega-se o que se defende, com energia, no nível da economia. Negada a cisão, acaba-se negando a "independência industrial, civil", e não apenas política do operário, única compensação que obtivera. Seria o mesmo que dizer que a liberdade e a igualdade de 89 não foram feitas para o operário do mesmo modo que o foram para o burguês; que a classe operária, que subsiste em condições novas, excluída da solidariedade burguesa, não seja portadora ou capaz de desenvolver uma consciência e uma iniciativa próprias. Por natureza, não teria capacidade política.

A despeito da Revolução de 89, ou por causa dela, a sociedade francesa, antes composta de três castas, ficou dividida em duas categorias de homens e cidadãos, outrora unidas e quase confundidas pelo laço feudal do patronato. Agora burguesia e proletariado estão profundamente cindidos enquanto duas posições estruturais. Não há unidade. Pode-se falar numa unificação pelo contrato de trabalho. Politicamente isto tem sérias consequências - que os revolucionários de 89 buscavam evitar ao fazer da Revolução Francesa uma revolução que não houve.

Nesta perspectiva de análise das forças atuantes nos acontecimentos de 89, Proudhon estende-se em sua vigorosa crítica. A proclamação do adven-

to da igualdade, da liberdade se auto-limita sob o manto de formalismos de participações que, a rigor, tendem a esgotar-se no sufrágio universal. De fato não se consolida a sociedade, ao contrário, os revolucionários se esmearam no seu governo. A potencialidade do movimento revolucionário, que apenas se anunciou, apesar do estardalhaço, foi freada e quase esterilizada nas constituições políticas. Ao ser reposta à autoridade em outros termos, os reformados políticos, tão pouco revolucionários, revelam sua crença nas virtudes do poder. Como contrapeso à autoridade, reforçada em nível político, o *laissez faire* mercantil e industrial conduz à feudalidade do capital. Os reformadores, pretenciosamente se auto-intitulando revolucionários, retomam a obra monárquica e a modernizam. Substituem os abusos do Antigo Regime por novos. O Estado é estimulado a estender suas prerrogativas, sufocando a comuna. A liberdade e a igualdade estão escritas nas constituições que se sucedem. Mas estão, ostensivamente, ausentes das instituições concretas. O nivelamento dos indivíduos pelo sufrágio universal deixa intacta a não reciprocidade social, a falta de proporcionalidade social. O povo subiu indiscutivelmente um ponto na ordem política. A burguesia parece ter descido na mesma proporção. Mas o que ela perdeu de um lado, recuperou do outro: seu grande ganho foi o desenvolvimento da feudalidade industrial e financeira. O país permaneceu no mesmo ponto, constituído sobre o unitarismo governamental e a inferioridade do trabalho com relação ao capital.

Porém, na sucessão histórica das instituições, 1789 é um progresso na avaliação crítica de Proudhon. Ao se conceder o sufrágio universal, a venda monárquica cai dos olhos do povo. Há uma súbita revelação, que permite o desenvolvimento da consciência popular. Embora ambíguo, o contraste entre a soberania política de que goza, e sua reiterada subordinação em nível econômico estimula a reflexão em torno da questão social. Proudhon acompanha de muito perto este processo. No Antigo Regime, o homem do povo, segundo sua profissão, dependia

do patrão, do senhor, do bispo ou do abade ou do fisco. Este laço é rompido em 89: o povo é entregue à sua própria sorte. Constitui-se, de modo crescentemente claro, no nível de sua consciência e das relações que a determinam, em oposição aos proprietários. No decorrer do século 19 esta multidão, até então amorfa, adquire os primeiros contornos. A idéia socialista, que aflora do movimento histórico, será o pensamento, a alma deste corpo à parte. A plebe, que não era nada, é chamada a tornar-se alguma coisa, enquanto a burguesia demonstrará logo que aspira a ser tudo. O proletariado tem na Revolução Francesa um começo de história, embora tímido, ambíguo, decantado retoricamente sob a bandeira da igualdade e da liberdade. É um começo decisivo, sujeito a desdobramentos talvez imprevisíveis para a burguesia e não desejados, mas que Proudhon busca prever, mesmo porque já conta com a observação atenta de mais de meio século de confrontos e propostas de solução da questão social. O reconhecimento da capacidade política do povo pelo sufrágio universal desperta nele o horizonte maior dado pela sua capacidade econômica de autogovernar-se.

Revolução política que foi, esgotando-se aí, 89 contém em estado fetal, a REVOLUÇÃO SOCIAL, capaz de gerar um regime econômico - a República Industrial - que será o contrário de um regime governamental, no qual os vencedores não se tornarão casta dominante ou governante. Com a experiência da Revolução Francesa está posta, de modo claro, para Proudhon, a insuficiência da política, os limites do pacto social na sociedade do capital, ao mesmo tempo em que se entremostravam as potencialidades da sociedade do trabalho, gerada por outro tipo de revolução, que postula um regime econômico, que será o contrário do regime governamental. Os primeiros a levantar a questão social não foram operários. Os filósofos deram, com suas formulações, contribuição significativa. Mas 1848, que é desdobramento de 1789, traz um fato novo. O povo adquire consciência maior de suas potencialidades. Após

muitas lutas, a aquisição dos direitos políticos, os seguidos insucessos neste nível, duas correntes de opinião circulam entre os trabalhadores: o sistema comunista governamental e o sistema mutualista proudhoniano. Para Proudhon, a comunidade uniformizada do comunismo estatal é pensada a partir do próprio preconceito da propriedade: por aí se chega a uma revolução francesa de sinal trocado. Temos de um lado o capitalismo à base da concentração da propriedade. De outro, o comunismo estatal que postula a extensão da propriedade. Em ambos os casos o coletivo é construído de modo transcendente. A reversão tem de ser feita pela referência ao trabalho. Reunidos de modo ativo pelo trabalho, sem as vendas que lhes foram postas pelos proprietários e pelas autoridades, os homens trabalhadores, de modo bem concreto, se sentirão associados na produção, dotados pelo trabalho de uma força coletiva que lhes proporcionará a iniciativa da ordem, sem necessidade de delegá-la a instâncias superiores. A força coletiva do trabalho é o concreto ao alcance das mãos e das cabeças operárias, na medida em que é força de um grupo de homens no trabalho, capazes de gozar da liberdade dos produtores.

Esta revolução social não tem fim. É um desdobramento histórico, aberto a aperfeiçoamentos não lineares. Em nível de pensamento, não é formulação de nenhuma cabeça privilegiada. Não cabe ao revolucionário autêntico imaginar ou combinar no cérebro um sistema que se implanta em seguida: foi a advertência que Proudhon fez a Marx e a crítica que endereçou aos filósofos da Revolução Francesa. O que é plausível é detectar a direção da história. O abuso político da centralização republicana, inaugurado pela Revolução Francesa, é chamado a ceder. A relação horizontal de solidariedade, pouco a pouco se imporá sobre a relação vertical de autoridade. É o que nos diz Proudhon, há mais de um século, com atualidade de crítica a liberais e marxistas.

* Professor do Departamento de Política PUC/SP

Organizador com Edson Passeti de Proudhon, Editora Ática.

COLEÇÃO PENSAMENTO E AÇÃO

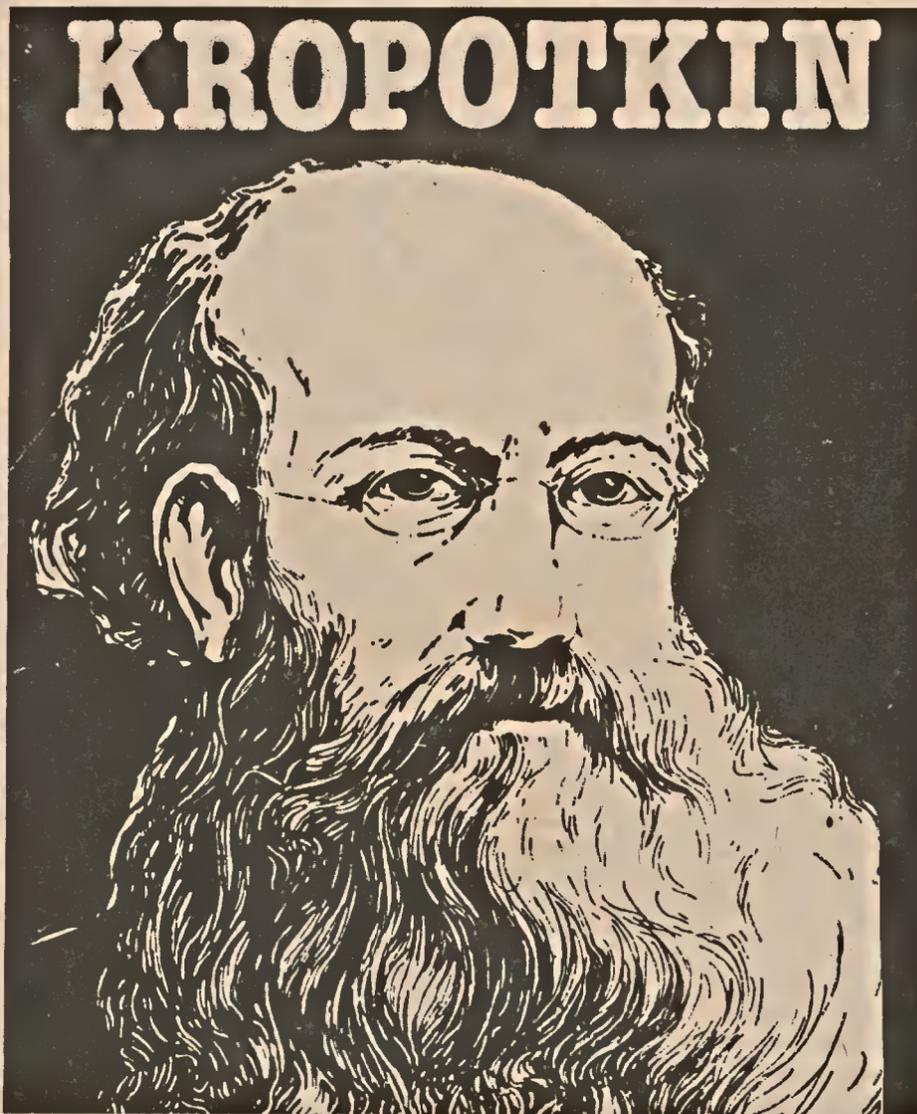
Próximos Lançamentos

PALAVRAS DE UM REVOLTADO Piotr Kropotkin

ESTATISMO E ANARQUIA Mikhail Bakunin

CORTEZ EDITORA Rua Bartira, 387 - tel. (011) 864-0111
CEP 05009 - São Paulo - SP.

O Governo Representativo (fragmentos)



Os vícios das Assembléias representativas não nos surpreenderão, com efeito, se refletirmos, ainda que por um momento, sobre a maneira como elas são recrutadas e como funcionam.

Será necessário que eu pinte aqui o quadro tão revoltante, tão profundamente repugnante e tão conhecido por nós — o quadro das eleições? Na burguesa Inglaterra e na democrática Suíça, na França, assim como nos Estados Unidos, na Alemanha como na República Argentina, esta triste comédia não é sempre a mesma em qualquer lugar?

Deve-se contar de que forma os cabos e os comitês eleitorais “forjam”, “arrebata” uma eleição, semeando à direita e à esquerda promessas políticas nas reuniões ou em público; de que modo eles penetram nas famílias bajulando a mãe, o filho, acariciando, se necessário, o cachorro asmático ou o gato do “eleitor”? De que maneira invadem os bares, convertem os eleitores e enganam os menos falantes levando-os a discussões, como esses compadres de vigarice, que os arrastam ao jogo de baralho? De que forma o candidato, depois de ter feito com que o desejassem, aparece por fim no meio de seus “caros eleitores” com o sorriso indulgente, olhar modesto, voz aveludada — assim como a velha megera, locadora de quartos em Londres, que busca cativar um locatário através de seu doce sorriso e seus olhares angelicais? Será preciso enumerar os programas mentirosos — todos mentirosos — sejam eles oportunistas ou socialistas revolucionários, nos quais o próprio candidato, por pouco inteligente que seja e por pouco que conheça a Câmara, não crê sequer um pouco mais nela do que nas predições do “Messenger Boiteux” e que defende com uma vivacidade, uma empostação de voz, um sentimento dignos de um louco ou de um saltimbanco?

Será preciso, enfim, apresentar aqui os gastos com as eleições? Todos os jornais, porém, no informam o suficiente sobre este assunto. Ou deveremos reproduzir a relação de gastos de um cabo eleitoral, na qual figuram pernis de carneiro, jalecos de flanela e loção canforada, enviados pelo candidato caridoso “a esses caros filhos” de seus eleitores.

E quando o governo intervém, com seus “cargos”, seus cem mil “cargos” a quem der mais, seus pedaços de papel, que trazem o nome de “insígnias”, suas tabacarias, sua vigorosa proteção prometida aos locais de jogo e de vício, sua imprensa descarada, seus delatores, seus escroques, seus juizes e seus policiais...

Não, basta! Deixemos esta lama, não a agitemos! Limitemo-nos apenas a fazer esta pergunta: haverá uma única paixão humana, a mais vil, a mais abjeta de todas, que não seja colocada em jogo em dia de eleição? Fraude, calúnia, vulgaridade, hipocrisia, mentira, toda a lama, que repousa no fundo da besta humana — eis o belo espetáculo que um País nos oferece, a partir do momento em que se lança em perfo do eleitoral.

É assim, e não pode ser de outra forma, enquanto houver eleições para se escolherem governantes. Coloquem somente trabalhadores em um local, somente iguais, que um belo dia colocarão na cabeça a idéia de se entregar a governantes — e será, ainda, a mesma coisa. Não se distribuirão mais

pernis; distribuir-se-á adulação, mentira — e tudo permanecerá como antes. O que se espera colher de melhor, quando se põe em leilão seus direitos mais sagrados?

O que se pede, com efeito, aos eleitores? Encontrar um homem ao qual se possa confiar o direito de legislar sobre tudo aquilo que eles têm de mais sagrado: seus direitos, seus filhos, seu trabalho! Procura-se um homem a quem se possa confiar, em companhia de alguns outros, saídos da mesma loteria, o direito de matar nossos filhos aos vinte e um ou aos dezanove anos, se bem lhe parecer; de encerrá-los por três anos, mas também por dez anos, se ele preferir, na atmosfera pútrida da caserna; de massacrá-los quando e onde ele quiser, começando uma guerra que o País será forçado a fazer, uma vez engajado.

Compreende-se a delegação, quando cem, duzentos homens, que se encontram todos os dias em seu trabalho, em seus negócios comuns, que se conhecem a fundo, uns aos outros, que discutiram, sob todos seus aspectos, um assunto qualquer, e que chegaram a uma decisão, escolhem alguém e o enviam a se entender com outros delegados do mesmo gênero, sobre este assunto específico. Assim, a escolha se dá com pleno conhecimento de causa, todos sabem o que podem confiar a seu delegado. Este delegado, por sinal, nada mais fará senão expor diante de outros delegados as considerações que levaram seus representados a tal conclusão. Nada podendo impor, buscará o entendi-

mento e voltará com uma simples proposição, que os mandatários poderão aceitar ou recusar. Foi assim que nasceu a delegação: quando as Comunas enviaram seus delegados para outras Comunas, não tinham outro mandato. É assim que fazem, ainda hoje, os meteorologistas, os estatísticos, em seus congressos internacionais, os delegados das companhias ferroviárias e das administrações postais de diversos países.

Porém, o que se pede agora aos eleitores? Pede-se a dez, vinte mil homens (a cem mil nas eleições gerais), que não se conhecem, que nunca se vêem, nunca se encontram para discutir um assunto de interesse comum que se entendam na escolha de um homem. Observemos ainda que esse homem não será enviado para expor um assunto preciso ou defender uma resolução, que concerne a um assunto específico. Não, ele deve ser bom para fazer tudo, legislar sobre qualquer coisa, e sua decisão será lei. O caráter primitivo da delegação encontrou-se completamente travestido, tornou-se um absurdo.

Eis por que — Spencer já o observou — os parlamentos são em geral tão mal compostos. A Câmara, diz ele na sua Introdução, é sempre inferior à média do País, não só como consciência, mas também como inteligência. Um país inteligente diminui-se em sua representação. Ele juraria ser representado por idiotas, e não escolheria melhor. Quanto à probidade dos Deputados, sabemos que o que ela vale. Basta ler o que dizem disto os ex-mi-

nistros que os conheceram e apreciaram.

Que pena não existirem trens especiais para que os eleitores possam ver sua “Câmara” trabalhando. Eles se sentiriam rapidamente enojados. Os antigos embebedavam seus escravos para ensinar a seus filhos a repulsa pela embriaguez. Parisienses, ide, portanto, à Câmara ver vossos representantes para enojaros pelo governo representativo.

A esta corja de nulidades, o povo abandona todos os seus direitos, exceto, o de destituí-los de vez em quando e de nomear outros. Todavia, como a nova Assembléia, nomeada segundo o mesmo sistema e encarregada da mesma missão, será tão má quanto a precedente, a grande massa acaba por se desinteressar pela comédia e limita-se a alguns remendos, aceitando alguns novos candidatos, que conseguem se impor.

Porém, se a eleição já está tomada por um vício constitucional, irremediável, o que dizer da maneira como a Assembléia desempenha seu mandato? Refleti um único minuto apenas e vereis de imediato a inanidade da tarefa que vós lhes impondes.

Vosso representante deverá emitir uma opinião, um voto, sobre toda a série, variada ao infinito, de questões que surgem nesta formidável máquina — O Estado centralizado.

E como lhe é materialmente impossível ter sua opinião sobre os mil assuntos para os quais seu voto será lei, fará mexericos com seu vizinho, passará seu tempo no bar, escreverá cartas para reaquecer o entusiasmo de seus “caros eleitores”, enquanto um Ministro lerá um relatório repleto de números alinhados para a circunstância por seu Chefe de Gabinete; no momento do voto, pronunciar-se-á a favor ou contra o relatório, segundo o sinal do líder de seu Partido.

Pobre Proudhon, imagino seus sabores quando teve a ingenuidade infantil, ao entrar para a Assembléia, de estudar a fundo cada uma das questões colocadas na ordem do dia. Levava à tribuna números, idéias — nem sequer o escutavam. As questões são todas resolvidas muito antes da sessão, por esta consideração muito simples: é útil, é nociva ao nosso Partido? A contagem dos votos está feita; os submissos são registrados, os insubmissos são sondados, contados cuidadosamente. Os discursos só são pronunciados como encenação teatral: só são escutados se possuem valor artístico ou se se prestam ao escândalo.

Quem quer que saiba raciocinar sem se deixar desviar pelos preconceitos de nossa educação viciosa, encontrará muitos exemplos na história do governo representativo de nossos dias. Compreenderá que, qualquer seja o corpo representativo — seja composto de operários ou de burgueses, seja, até mesmo, amplamente aberto aos socialistas-revolucionários —, ele conservará todos os vícios das Assembléias representativas. Estes vícios não dependem dos indivíduos, são inerentes à instituição.

Sonhar com um Estado operário, governado por uma Assembléia eleita, é o mais insano dos sonhos que nossa educação autoritária nos inspira.

* Fragmentos extraídos da obra “Palavras de um Revoltado”, em preparação pela Editora Cortez.

Anarquismo e Educação

Alejandro Tiana

Não há educação neutra

Embora muito se tenha falado sobre a falsidade das palavras; a própria contradição leva a jogar com elas. Curioso vocábulo esse, "educação"! Se vamos pensar na sua etimologia, seria uma mistura de "educare" (criar, alimentar) e "educere" (conduzir - com sentido de dentro para fora).

Como se vê, a própria palavra reconhece implicitamente a manipulação, pois onde quer que se conduza algo será necessário um condutor (e uma direção de marcha). Por outro lado, o alimento pressupõe utilizar uns elementos já estruturados que se transmitem tal qual a outro corpo, que pode por seu lado utilizá-los e recompor-los dentro de uma regra de funcionamento que determinam as possíveis incompatibilidades, com o fim de se procurarem os próprios elementos constitutivos.

Não penso que isto seja para nos fazer levar as mãos à cabeça nem rasgarmos a roupa. Não profanei a virgindade imaculada da educação. Simplesmente já a perdeu há muito tempo e hoje é mais a cortesã, que acompanha qualquer um nos seus desejos, e não mais aquela jovencinha branca e pura com que sonhávamos.

Espremendo os livros de história da educação encontrei abundantes argumentos que reforçam o meu ceticismo. Da origem das escolas na Europa - surgidas em torno de núcleos eclesiais e incluindo nas suas funções a de evangelizar - até aos sistemas contemporâneos - quer sejam de sinal autoritário, caso Makarenko, quer decididamente anti-autoritários, caso Sumerhill - passando pela "criança-boá-por-natureza", "Rousseauiana" e outras centenas de teorias, por trás de cada concepção educativa mostra-se uma determinada concepção do homem, da sociedade e da história, um certo sistema que podemos denominar "antropológico", utilizando esta palavra num sentido amplo e mais marcadamente ideológico que o habitual.

Esta soma de idéias, visões e concepções, nem sempre claramente conscientes, atua como um suporte inexpresso (na maioria dos casos) de uma série de propostas pedagógicas que se pretendem científicas, racionais, conformes à natureza humana e ao destino do homem e neutras, quando a verdade é que estão marcadas desde o seu nascimento pela impureza constitutiva de toda a realidade.

De acordo com estes pressupostos, ao estudar as idéias pedagógicas mantidas pelos anarquistas e as experiências que levaram a cabo devemos ter sempre presente, como pano de fundo, todo o sistema filosófico e ideológico acerca do homem e das suas relações com o mundo em que se move se não quisermos cair de novo numa visão idealista da educação libertária. O nosso espírito crítico deve-nos fazer ultrapassar os adjetivos que se aplicam a ela própria de "científica",



Antes de mais nada, devo confessar que há muito tempo que não acredito na pretensa neutralidade da educação. Peço sinceramente desculpas aos que se sintam feridos pela certeza de tal juízo, mas é assim. Em nome da não-manipulação, do respeito à sagrada consciência individual e de outro montão de idéias semelhantes de tom grandiloquente, vi desfilar perante mim concepções - e realizações - educativas tão díspares, que me tornei cético a este respeito. E penso ser uma obrigação moral - ética - deixar bem claro este pressuposto que, aos olhos de alguns, pode desmoronar o resto do discurso por melhor articulado que esteja - o que pode não ser o caso.

"neutra" e similares, e procurar no fundo para encontrar o seu lugar exato dentro do panorama dos movimentos educativos e o conformismo em que está empenhada. Só assim poderemos nos debruçar sobre o campo de estudo e avaliar as suas certezas e fracassos.

Ideário educativo do anarquismo

Assentes estas bases, podemos passar ao núcleo essencial do discurso, que consiste em analisar as formas educativas próprias do movimento anarquista ou libertário, observando como, com o passar do tempo, se foram acomodando à configuração concreta de cada momento histórico, e ao sistema "antropológico" das pessoas ou grupos que as sustentaram.

Na realidade, não se pode falar de uma concepção educativa única no anarquismo, assim como não existe um modelo anarquista, mas sim um conjunto de concepções e idéias acerca de um homem e da organização social que tem um duplo expoente comum: primeiro, a convicção profunda de que só a liberdade permitirá uma sociedade justa e igualitária onde os homens possam desenvolver-se; e, segundo, o convencimento de que só a liberdade, com os fins e os meios são inseparáveis. E esta idéia, elevada à categoria de Idéia - com letra maiúscula - com a carga mítica que encerra, irradia sobre todas as concepções do movimento que, assim apadrinhado, podemos denominar libertário. Por pressuposto, esta irradiação alcança plenamente as suas propostas educativas, que se vêem tecidas de anti-autoritarismo. A autoridade que deve ser destruída está encarnada fundamentalmente em duas instituições: o Estado expropriador e a Igreja domesticadora, autênticas "bestas negras" da humanidade.

Ora, nesta base comum edificam-se concepções muito diferentes. Há duas tendências gerais e complementares: uma individualista, centrada no sujeito humano, e outra societária, que "fincamos o pé" no sujeito dentro de um coletivo.

A primeira tenta conseguir a autonomia individual, dotando o homem de todas as normas - entre elas, a capacidade de revolta - que lhe permitam defender zelosamente a sua liberdade pessoal. Isso permitirá ao homem amadurecer integralmente e conseguir a sua felicidade.

A segunda pretende ajudar por meio de uma educação popular, de classe, a auto-organização do proletariado, cuja meta é a revolução social manumissora que acabe com esta sociedade injusta e que implante o novo mundo "que trazemos em nossos corações".

Na realidade, estas duas tendências estão sempre misturadas, imbrincadas, nos diversos autores e correntes. O que acontece é que ao colocar maior ou menor acento numa ou noutra, inclina a um ou outro extremo o fiel da balança.

Baseados nestas duas propostas, surgem, desde meados do século passado, dois tipos de instituições mantidas, inspiradas e dirigidas por libertários:

- Um conjunto de escolas infantis, onde as crianças sejam educadas conforme os princípios e as idéias fundamentais acima expostos;

- e um conjunto de instituições educativas dirigidas ao meio operário, tais como bibliotecas, ateneus, grupos artísticos, cursos de alfabetização..., encaminhados a promover uma consciência de luta nos operários e camponeses que os leve a confrontar-se com o capitalismo.

A educação das crianças e dos jovens

A revolução social tão afastada exige obviamente um tipo de pessoa diferente ao produzido numa sociedade opressora. As características fundamentais do "homem novo" libertário poder-se-fam resumir assim:

Um homem livre, autônomo, consciente da injustiça reinante, que possua as armas para lutar contra ela e que animado por um forte sentimento de solidariedade, se associa com outras pessoas para construir juntos um mundo livre, sem Estado, em que a justiça, a igualdade e a verdade brilhem sobre a injustiça, a parcialidade e a mentira, quer sejam individuais quer sejam coletivas.

Sem um "homem novo" será impossível construir uma sociedade revolucionária. Por isso é muito importante ir educando as pessoas para que, ao produzir-se o fato revolucionário, se destruam os egoísmos burgueses e se possam começar a organizar umas estruturas igualitárias. Daí que se possa falar da importância concedida à educação no anarquismo.

Ao longo do século que vai de 1848 ao final da segunda guerra mundial, e sempre nos meios libertários (*), existem três adjetivos que sucessivamente colocados depois do termo "educação" o determinam e enchem de significado: o primeiro é "integral", o segundo - e quase simultâneo - é "laica" e o terceiro é "racionalista".

O adjetivo "integral" aparece nos textos referentes à educação da AIT, concretamente, nos pontos correspondentes dos congressos de Genebra (1866), Lausane (1867) e Bruxelas (1868). Na Espanha, Trinidad Soriano apresentou um projeto importante sobre o ensino integral ao Congresso de Valência (1872) da seção espanhola da AIT. A este último pertence o parágrafo seguinte, muito ilustrativo acerca dos seus objetivos:

Queremos o ensino integral para todos os indivíduos de ambos os sexos em todos os aspectos da ciência, da indústria e das artes, a fim de que desapareçam as desigualdades - na quase totalidade fictícias - e que os efeitos destruidores que a divisão do trabalho produz na inteligência dos operários não voltem a produzir-se, obtendo-se então as únicas, mas positivas vantagens que esta força econômica encerra para a rápida e mais abundante produção das coisas destinadas à satisfação das necessidades humanas.

O parágrafo é suficientemente expressivo. Paul Robin desenvolve, em Campuis, uma experiência muito valiosa de educação integral entre 1880 e 1894, que é sem dúvida um exemplo vivo das idéias internacionalistas.

O adjetivo "laica" não é patrimônio exclusivo dos libertários. A bur-

guesia ilustrada dos países europeus tinha pressionado para a implantação duma escola oficial liberta da tutela eclesiástica. Este desejo converte-se na realidade em alguns países, como França, a partir da segunda metade do século XIX. Na Espanha, a maior pressão da Igreja sobre as estruturas do Estado impede uma libertação efetiva. Por isso, o laicismo escolar converte-se em bandeira de luta e radicaliza-se. São os maçons, alguns republicanos e os anarquistas que defendem esta idéia nos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX. Estabele-se uma luta frontal contra a Igreja, que tem um peso específico enorme nas instituições educativas. Mas nos começos do século, alguns anarquistas espanhóis recusam o laicismo burguês que, embora prescindida da intervenção da Igreja na escola, não faz uma crítica do papel adaptado às estruturas sociais que tem a educação, ainda que se chame laica. É o caso de Anselmo Lorenzo e Francisco Ferrer.

fundamentalmente na Espanha, com Francisco Ferrer Guardia. É adotado sem reservas pelo anarco-sindicalismo, espanhol, que chama a si as escolas que funda até 1939. É o próprio Ferrer que o ilustra claramente:

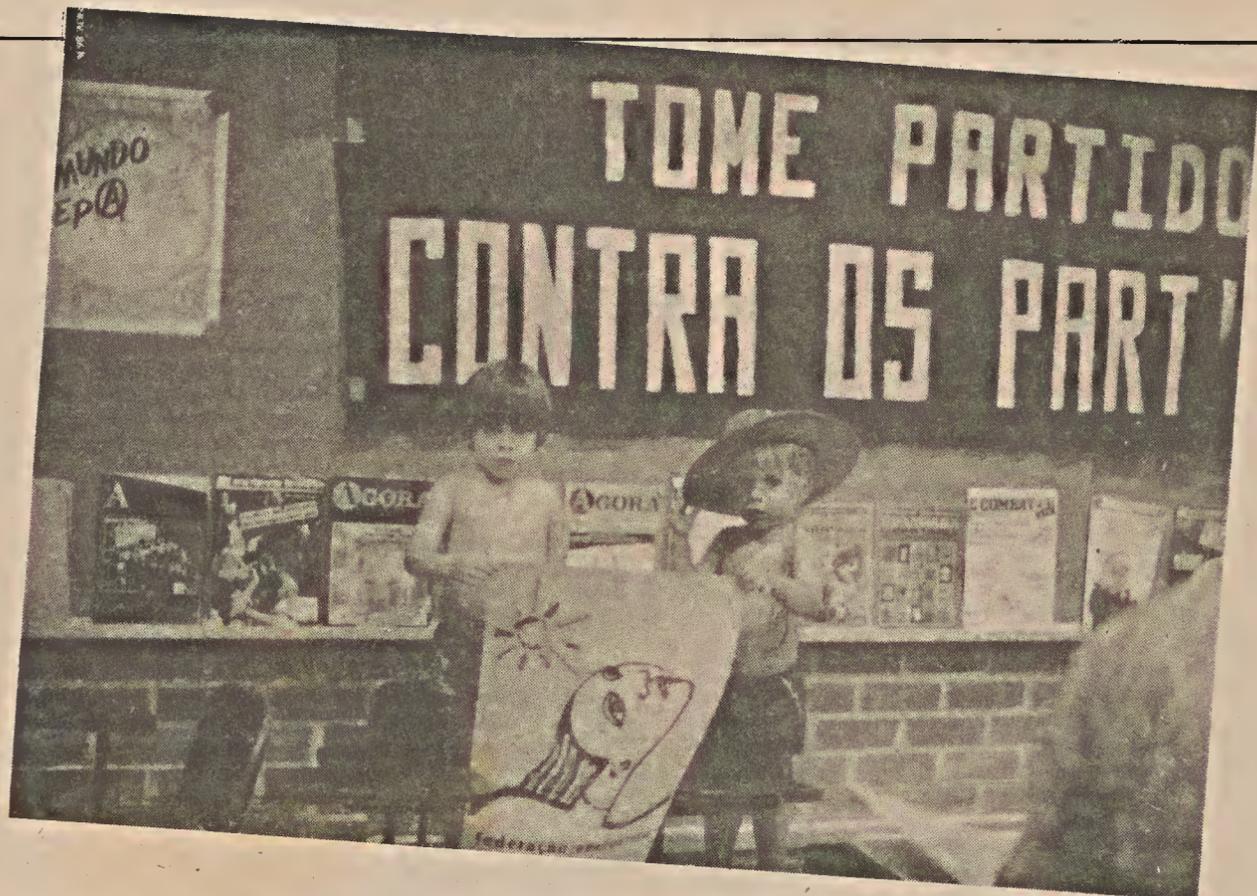
Deve-se esclarecer que a missão da Escola Moderna não se limita a fazer desaparecer dos cérebros os danos religiosos. Se este é um dos que mais se opõem à emancipação intelectual dos indivíduos, não é pelo seu desaparecimento puro e simples que obteremos uma humanidade livre e feliz. Pode-se conceber, com efeito, um povo sem religião e, no entanto, sem liberdade.

A Escola Moderna pretende combater os numerosos danos que tornam difícil a emancipação total do indivíduo, e para isso adotou o racionalismo humanitário que tem por objetivo integrar na infância o desejo inquieto de conhecer a origem de todas as injustiças sociais, com fim de que, uma vez conhecidas, possa combatê-las e impedi-las.

Esta mesma base ideológica é a que faz que em geral, os anarco-sindicalistas espanhóis recusem a educação oficial e afastem a idéia de utilizar a escola pública como lugar de difusão das suas propostas, como puderam fazer os socialistas que, em última instância, aceitam a necessidade de um Estado e de todas as suas instituições. O único momento em que tomam parte na estrutura educativa oficial é durante a guerra civil, propondo a Escola Nova Unificada.

A Educação revolucionária dos trabalhadores

Por outro lado, e sempre no caso espanhol, junto à sede de cada sindicato estabelecia-se um Ateneu Libertário, com aulas noturnas para adolescentes e adultos, com uma biblioteca melhor ou pior nutrida, com um grupo artístico e/ou teatral, enfim, todo um complexo cultural pedagógico cuja finalidade era contribuir na necessária educação revolucionária das classes trabalhadoras. Tudo isto, mantido com os fundos entregues pelos filiados, o que pressuponha em alguns casos um esforço considerável. Todas estas realizações educativas estavam baseadas na idéia subjacente de que o Sindicato, mais que um organismo de reivindicação laboral, era o germen organi-



zativo da sociedade livre do futuro. E isto enchia de energias os trabalhadores cuja vida não era certamente fácil.

O trabalho educativo realizado foi indubitável, como se pode ver no momento revolucionário de Julho de 36. Aqueles acontecimentos serviram para avaliar o grau de consciência dos trabalhadores espanhóis. O arranque de um vasto programa de transformação social foi o melhor indicador da forma efetiva do trabalho realizado.

A derrota na guerra foi para o movimento anarquista espanhol o regresso — uma vez mais — às catacumbas. Outras preocupações ocuparam o primeiro plano da atenção dos seus militantes (desde como salvar a vida até como acabar com o regime instaurado). Os esforços educativos realizados noutras épocas passaram a um segundo plano. Por outro lado, a rígida censura franquista apagou por todos os meios possíveis da memória coletiva a recordação de tais afãs e ilusões. A noite caiu sobre a Espanha.

Perspectivas atuais

Não creio que hoje em dia se possa falar de educação especificamente anarquista já que, por um lado, não existem potentes organizações capazes de empreender uma tarefa educativa de envergadura e, por outro lado, a educação foi progressivamente concentrada e monopolizada pelos diversos Estados na história mais recente.

Assim, as experiências que se auto-denominam anarquistas não deixam de ser em número escasso e ocupam um lugar marginal, ainda que em algumas ocasiões possam ser muito interessantes e ofereçam um testemunho de liberdade face à crescente manipulação estatal.

Mas em troca, percebe-se um certo espírito libertário em muitos movimentos educativos contemporâneos e em numerosas pessoas dedicadas à educação. Há um incontestável interesse em proteger a criança da manipulação, do dogmatismo e da arbitrariedade, em destruir o autoritarismo das relações educativas e em favorecer o desenvolvimento da autonomia individual. E creio que não é preten-

cioso dizer que este espírito recebe a herança e a tradição anarquista nas suas diversas versões. Com efeito, embora sistematicamente reprimidas pelo Poder, que atacam, as idéias libertárias foram deixando marcas no subconsciente — e consciente — coletivo e aparecem, nas circunstâncias atuais em que se torna evidente o crescente e desmedido poder dos Estados sobre as pessoas sofredoras.

Na escola de Summerhill e todas as restantes escolas "summerhillianas" da Grã-Bretanha e América respira-se uma concepção de liberdade muito próxima da que mantiveram os anarquistas individualistas anglo-saxões, de quem Neil recebeu influências mais ou menos indiretas.

Também a Nova Esquerda americana difundiu idéias educativas que se chamam a si mesmas libertárias, que propõem uma nova relação educativa onde se apaguem as diferenças entre professores e alunos, onde todos aprendem e ensinam, cada um desde a sua situação peculiar. São exemplo desta corrente Paul Goodman e George Dennison.

As idéias de Ivan Illich e Everett Reimer sobre a "desescolarização" têm relação com as propostas libertárias e defasadas, no limiar das comunidades naturais onde se desenvolvem as pessoas.

O movimento da Pedagogia Institucional francesa exige a autogestão como base da organização educativa, devolvendo aos educandos a capacidade de decisão sobre os assuntos que lhes toquem.

Também Gerad Mendel, desde perspectivas diferentes, proclama a "descolonização da criança".

Os diferentes movimentos da Escola Cooperativa também têm ressonâncias autogestionárias — ao menos em algumas das suas versões — que as aproximam do universo libertário. Em geral, valorizam a auto-organização infantil como principal estímulo educativo e possibilitam o tato e a aprendizagem pelo erro, deixando que a criança exerça a sua liberdade (**).

Todo este conjunto de experiências de pedagogia libertária aprofundam-se nas idéias básicas que sobre a educa-

ção que sempre defenderam os anarquistas. Um êxito notável que conseguiram é terem superado o nível apriorístico de muitos ideólogos acratas mostrando dados comprovados empiricamente e valorizando criticamente os seus resultados. E creio que sintonizam com tais propostas por ter uma concepção "antropológica" (no sentido que indicava antes) muito próxima do universo cultural anarquista. Pressupõem uma atualização das suas propostas e podem ser o germen de um movimento mais amplo de educação libertária.

(in, BICICLETA, nº 12, trad. C.R.)

* — Prefiro utilizar este termo porque assim podem-se incluir todas as contribuições de pessoas que, embora não se sintam englobadas nos termos "acrata", "anarquista" ou similares, contribuíram a aumentar o conjunto de idéias educativas baseadas na liberdade radical da pessoa que se converteram em patrimônio comum do anarquismo (como pode ser o caso de Tolstói). Além disso, e isto pertence a outro nível de considerações, detesto as exclusões baseadas na estreita adesão a uma ou outra "corrente" seja de que tipo for. A riqueza (ou pobreza) de cada universo pessoal não se recolhe com um ou dois adjetivos. Reivindico como libertário tudo o que estimula ou defende a liberdade, e não o que se auto-qualifica como tal. Nem tudo o que reluz é ouro.

** — Que fique bem claro que não pretendo fazer uma redução simplista reivindicando para o anarquismo movimentos que não são encaixáveis sem mais nem menos em seu seio. Mas parece-me indiscutível que certas idéias pedagógicas atuais têm o seu antecedente nas realizações anarquistas dos começos do século ou nos escritos dos teóricos acratas. Além disso, todas estas contribuições ajudam a lavar o campo da liberdade, dando armas mais aperfeiçoadas e oferecendo análises mais profundas a todo aquele que se coloque a caminho de uma educação libertadora. E daí o seu indiscutível interesse.

Surrealismo e Anarquismo

Plínio A. Coelho

Em 12 de setembro de 1951 começa a participação dos surrealistas em LE LIBERTAIRE, jornal hebdomadário da Federação Anarquista francesa, com o texto aqui apresentado, SURREALISMO E ANARQUISMO - Declaração Prévia, assinado, entre outros, por André Breton, Benjamin Péret, Jean Schuster, Jean-Louis Bédouin.

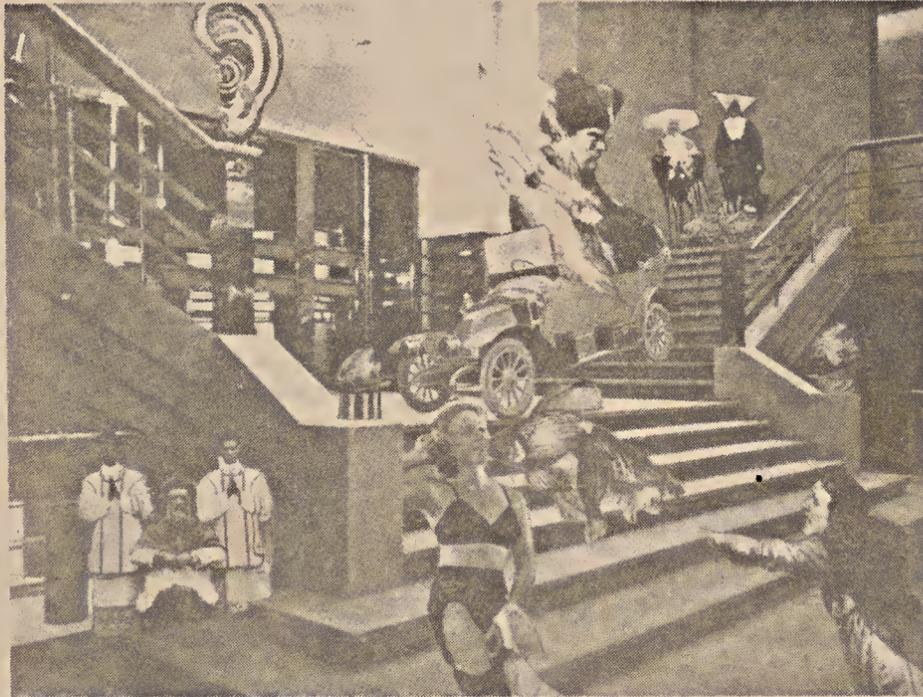
Pietro Ferrua, em seu estudo SURREALISMO E ANARQUISMO, apresentado quando da inauguração do Instituto Anarchos, na Universidade de Montreal, em 5 de junho de 1982, declara que a colaboração entre surrealistas e anarquistas é bem anterior à Declaração Prévia. Já em 1949, André Breton discursou "num grande meeting, realizado no Mutualité, em favor dos Cidadãos do Mundo e dos objetores de consciência. Nesse discurso ele confirma seu antimilitarismo de juventude e evoca as bandeiras vermelhas e negras das manifestações de outrora. Lá, declara-se de acordo com a posição dos anarquistas, e especial-

mente com a de Louis Lecoin. Antes disso, fora publicado um manifesto no LIBERTAIRE, em 22 de maio de 1947, portando o título "Liberdade é uma palavra vietnamita", assinado por Bonnefoy, Bousquet, Breton, Péret, Tanguy e mais uma dezena de outros surrealistas conhecidos. Esse texto condena a aventura imperialista francesa na Indochina. Devemos também recordar que Breton, em 1947, acabara de retornar das Américas, de onde trouxera o manuscrito ARCANJO 17, no qual exprime todo o seu arrependimento por ter, ainda jovem, tomado a via marxista, ao invés de seguir aquela muito mais pura do anarquismo".

Um fato interessante que não podemos deixar de citar é o silêncio total feito pelos especialistas internacionais do surrealismo quanto ao distanciamento do marxismo e a adesão às idéias anarquistas por parte dos surrealistas franceses. Pietro Ferrua, no mesmo estudo supra-citado, menciona que uma das especialidades do Surrealismo, Anna

Balikian, diz ter evitado tocar nesse assunto julgado por ela "espinhoso" e J. H. Matthews, que consagrou vários volumes ao surrealismo, apenas se limita a tocar superficialmente neste assunto. Nem mesmo durante os "Encontros", patrocinados pelo Centro Cultural Internacional de Cerisy-la-Salle, em 1966, durante os quais toda uma sessão foi consagrada ao problema da liberdade tal como é vista pelos surrealistas, foi abordada a adesão dos surrealistas ao anarquismo. Foi somente quando José Pierre resolveu editar os "Bilhetes Surrealistas" publicados semanalmente em LE LIBERTAIRE, que se tomou conhecimento desta importante página da história do surrealismo.

Os dois textos aqui apresentados foram extraídos da obra "Surrealismo e Anarquismo", coletânea de artigos surrealistas publicados no Libertaire, em preparação pela NOVOS TEMPOS EDITORA.



Marcel Lefrancq, Les secours de la religion, 1938

Declaração prévia

Surrealistas, não cessamos de consagrar à trindade: estado-trabalho-religião, uma execração que, freqüentemente, nos levou ao encontro dos camaradas da Federação Anarquista. Esta aproximação leva-nos hoje a nos exprimir em Le Libertaire. Felicitamo-nos ainda mais porque esta colaboração nos permitirá, acreditamos, extrair algumas das grandes linhas de força comuns a todos os espíritos revolucionários.

Estimamos que uma ampla revisão das doutrinas se impõe com urgência. Ela só é possível se os revolucionários examinam juntos todos os problemas do socialismo com o objetivo, não de encontrar nela uma confirmação de suas próprias idéias, mas dela fazer surgir uma teoria capaz de dar um impulso novo e vigoroso para a Revolução social. A liberação do homem não poderia, sob pena de se negar imediatamente após, ser reduzida unicamente ao plano econômico e político, mas ela deve ser estendida ao plano ético (saneamento definitivo das relações dos homens entre si). Está ligada à tomada de consciência pelas massas de suas possibilidades revolucionárias e não pode, sob nenhuma condição, levar a uma sociedade em que todos os homens, como o exemplo da Rússia, seriam iguais na escravidão.

Irreconciliáveis com o sistema de opressão capitalista, quer se exprima sob a forma dissimulada da "democracia" burguesa e odiosamente colonialistas, quer assumam o aspecto de um regime totalitário nazista ou stalinista, não podemos deixar de afirmar uma vez mais nossa hostilidade fundamental para com os dois blocos. Co-

mo toda guerra imperialista, a que eles preparam para resolver seus conflitos e aniquilar as vontades revolucionárias não é a nossa. Disto só pode resultar um agravamento da miséria, da ignorância e da repressão. Esperamos exclusivamente da ação autônoma dos trabalhadores a oposição que poderá impedi-la e levar à subversão, no sentido de remanejamento absoluto do mundo atual.

Esta subversão, o surrealismo foi e permanece o único a empreendê-la no terreno sensível que lhe é próprio. Seu desenvolvimento, sua penetração nos espíritos colocaram em evidência a falência de todas as formas de expressão tradicionais e mostrou que elas eram inadequadas à manifestação de uma revolta consciente do artista contra as condições materiais e morais impostas ao homem. A luta pela substituição das estruturas sociais e a atividade desenvolvida pelo surrealismo para transformar as estruturas mentais, longe de se excluírem, são complementares. Sua junção deve apressar a vinda de uma época liberada de toda hierarquia e de toda opressão.

Jean-Louis Bédouin; Robert Benayoun; André Breton; Roland Brudieux; Adrien Dax; Guy Doumayrou; Jacqueline et Jean-Pierre Duprey; Jean Ferry; Georges Goldfayn; Alain Lebreton; Gérard Legrand; Jehan Mayoux; Benjamin Péret; Bernard Roger; Anne Seghers; Jean Schuster; Clovis Trouille e seus camaradas estrangeiros atualmente em Paris.

Le Libertaire, 12 de outubro de 1951.

A clara torre

André Breton

Foi no negro espelho do anarquismo que o surrealismo se reconheceu pela primeira vez, bem antes de se definir a si mesmo e quando era apenas associação livre entre indivíduos, rejeitando espontaneamente e em bloco as opressões sociais e morais de seu tempo. Entre as fontes de inspiração onde bebíamos, neste pós-guerra de 1914, e cuja força de convergência era a toda prova, figurava este final da "Balada de Solness", de Laurent Tailhade:

Golpeia nossos corações em disparada, em farrapos Anarquia! Ó portadora de luz!

Expulsa a noite! Esmaga os vermes!

E ergue ao céu, ainda que seja com nossos túmulos,

A clara Torre que sobre o mar domina!

Nesse momento, a recusa surrealista é total, absolutamente inapta a se deixar canalizar no plano político. Todas as instituições sobre as quais repousa o mundo moderno e que acabam de dar sua resultante na Primeira Guerra Mundial são tidas por nós como aberrantes e escandalosas. Para começar, é contra todo aparelho de defesa da sociedade que lutamos: exército, "justiça", polícia, religião, medicina mental e legal, ensino escolar. Tanto as declarações coletivas quanto os textos individuais do Aragon do passado, de Artaud, Crevel, Desnos, do Eluard de outrora, de Ernst, Leiris, Masson, Péret, Queneau ou meu mesmo, atestam a vontade comum de fazer com que fossem reconhecidos como flagelos e, como tais, combatidos. Todavia, para combatê-los com alguma chance de sucesso, ainda é preciso atacar sua armadura, que, em última análise, é de ordem lógica e moral: a pretensão "razão" em uso e, de uma etiqueta fraudulenta, recobre o "senso comum" mais desgastado, a "moral" falseada pelo cristianismo com o objetivo de desencorajar qualquer resistência contra a exploração do homem.

Um grande fogo mantém-se sob as cinzas - éramos jovens - e creio dever insistir no fato de que ele constantemente se avivou para liberar-se da obra e da vida dos poetas:

Anarquia! Ó portadora de luz!

Chamem-se, não mais Tailhade, mas Baudelaire, Rimbaud, Jarry, que todos os nossos jovens camaradas libertários deveriam conhecer assim como também deveriam conhecer Sade, Lautréamont, o Schwob do Livro de Monelle.

Por que uma fusão orgânica não pôde se operar nesse momento entre elementos anarquistas, propriamente ditos, e elementos surrealistas? Ainda estou, vinte e cinco anos depois, a me perguntar. Não resta dúvida de que a idéia da eficácia que terá sido o espelho de toda essa época, decidi de outra forma. O que se pôde considerar como o triunfo da revolução russa e a realização de um Estado operário provocava uma grande mudança de visão. A única sombra do quadro - que se precisaria como mancha indelével - residia no esmagamento da insurreição de Kronstadt, em 18 de março de 1921. Nunca os surrealistas conseguiram passar por cima disto. Entretanto, por volta de 1925, só a III Internacional parecia dispor dos meios desejados para transformar o mundo. Poder-se-ia crer que os sinais de degenerescência e de regressão já facilmente observáveis no Leste ainda eram conjuráveis. Os surrealistas viveram, então, na convicção de que a revolução social estendida a todos os países não podia deixar de promover um mundo libertário (alguns diziam, um mundo surrealista, mas é a mesma coisa). Todos, inicialmente, julgaram dessa forma, inclusive aqueles (Aragon, Eluard, etc.) que, em seguida, decaíram de seu ideal primeiro até o ponto de fazer no stalinismo uma carreira invejável (aos olhos dos homens de negócios). Mas o desejo e a

esperança humanos jamais poderiam estar à mercê daqueles que traem:

Expulsa a noite! Esmaga os vermes!

Sabe-se muito bem que impiedosos saque foi feito destas ilusões durante o segundo quartel de século. Por uma terrível ironia, ao mundo libertário com o qual se sonhava, substituiu-se um mundo onde a mais servil obediência é de rigor, onde os direitos mais elementares são negados ao homem, onde toda a vida social gira em torno do policial e do carrasco. Como em todos os casos em que um ideal humano chega a este cúmulo de corrupção, o único remédio é refortalecer-se na grande corrente sensível na qual se originou, remontar aos princípios que lhe permitiram constituir-se. É ao próprio limite deste movimento, hoje mais necessário do que nunca, que se encontrará o anarquismo, somente ele - não mais a caricatura que nos apresentam ou a coisa hedionda que fazem dele - mas aquele que nosso camarada Fontenis descreve "como o próprio socialismo; isto é, esta reivindicação moderna pela dignidade do homem (tanto sua liberdade quanto seu bem-estar); o socialismo, concebido não como a simples resolução de um problema econômico ou político, mas como a expressão das marcas exploradas em seu desejo de criar uma sociedade sem classes, sem Estado, em que todos os valores e aspirações humanos possam se realizar".

Esta concepção de uma revolta e de uma generosidade indissociáveis uma da outra, e, a despeito de Albert Camus, ilimitáveis tanto uma quanto a outra, os surrealistas a fazem sua, hoje, sem reservas. Liberada das brumas mortais destes tempos, eles a consideram como a única capaz de fazer ressurgir aos olhos cada vez mais numerosos,

A clara Torre que sobre o mar domina!

Le Libertaire, 11 de janeiro de 1952.

Ser mau com humor

Luis Buñuel

Conheci Dali numa casa de estudantes de Madri. Eu tinha dezoito anos e ele vinte e um. Éramos um grupo de amigos, do qual Lorca, evidentemente, fazia parte. Nós nos reuniamos nos cafés, passeávamos, fazíamos idiotices e possuíamos o que se denomina de alegrias superficiais, muito intensas e ardentes. Lorca tinha uma personalidade extraordinária, ainda mais forte do que sua obra. Lembro de ter ido com ele a uma festa ao ar livre. Às três horas da manhã fomos fotografados num avião pintado sobre uma tela, em seguida, dedicamos um poema um ao outro. O meu era horrível, o seu, belíssimo. Ainda hoje o conservo.

Dali! Ah! Dali! Ele escreveu coisas absurdas sobre O cão andaluz e A Idade de Ouro - para os quais nós dois fizemos juntos os cenários. Ele afirma que durante a filmagem pedi o tempo todo a sua opinião. Eis o que se passou realmente no caso do Cão Andaluz. Um dia, passeávamos em Figueras, e Dali me disse: "Sonhei com u'a mão coberta de formigas". Respondi: "Sonhei com uma nuvem que passava sobre a Lua e também que cortavam com uma navalha o olho de minha mãe". E pensamos: "Por que não fazer um filme com tudo isso?" Escrevemos o roteiro em sete dias. Tudo o que ele dizia me parecia bom, tudo o que eu dizia parecia-lhe igualmente bom. Dali só veio no último dia da filmagem para representar o papel de um padre numa sequência que a censura, por sinal, suprimiu.

Para A Idade de Ouro trabalhamos três dias juntos, mas nem sempre estávamos de acordo. Disse-lhe, então: "Você vai para o seu lado, e eu para o meu". Isto não impediu que continuássemos a comer ouriços do mar juntos. Encontramo-nos ainda durante dois anos, e depois nos separamos. Já faz vinte anos que não o vejo. Gala, sua mulher, teve uma péssima influência sobre ele, e agravou seu lado megalomaniaco, seu amor pela publicidade. É incrível como ele gosta de dinheiro. No ano passado, meu amigo Carlos Fuentes escreveu um roteiro para cineastas amadores que se apresentavam em um concurso do jovem cinema mexicano. Foram ver Dali de minha parte e pediram para filmá-lo em seu hotel nova-iorquino, tomando um drink. "Dirijam-se à Gala", disse Dali. Ao vê-los chegar, Gala perguntou: "Vocês gostam de filé? - Sim, responderam - Dali também replicou ela. Custará 10.000 dólares". Dali, um louco? Sim, mas um louco que administra seus negócios tão bem quanto um bom banqueiro.

Le Film parlant surréaliste L'AGE D'OR

Introduit par P.-G. VAN HECKE

La présentation de "L'Age d'Or", à Paris Sac du Studio 28 - Interdiction du film

Le Film parlant surréaliste de LUIS BUNUEL

Le film d'Or a été présenté à Paris le 28 novembre 1930. Il avait reçu le visa de la censure française. Il a passé sans incident au Studio 28, du 28 novembre au 2 décembre.

En cours de la projection du mercredi 2 décembre, des communistes ont « colonisé » d'un jeunisme antijuif et ont tenté de hurler « Mort aux Juifs » et d'appeler les « Chrétiens de France » à l'action violente contre le film. Et lorsque parurent les images de l'admirable train dans le ruisseau, les nervos des deux lignes lancées de l'œuvre vaudraient à l'écran, jetèrent des boules de papier, allèrent des boules fumigères et attaquèrent les spectateurs à coups de marteaux, afin de voler la salle.

Les spectateurs réagissant vigilement et assistant, malgré les agresseurs, à toute la projection du film.

Les « envoyés extraordinaires » de ligue ne sont pas satisfaits. Ils interviennent dans la salle d'exposition, coupent la ligne téléphonique, brisent les vitres, ébranlent le mobilier, lancent les tableaux exposés. Nalva, dit Dali - collaborateur de Buñuel - Max Ernst, Man Ray, Miró et Tanguy. Ils vont même jusqu'à voler des œuvres et des livres exposés. Les dégâts ont été évalués à 40.000 francs.

À la sortie de la représentation, les spectateurs au nombre de l'indignation, réclament et signent une protestation contre les violences et les bris de vitres des ligues vandales. Un certain nombre se rend au bureau de police où cinq des agresseurs se trouvent retenus « pour vérification d'identité ».

Une campagne de la presse nationaliste

Le sac du Studio 28 fut comme un signal qu'attendait la presse nationaliste. Le lendemain et les jours suivants, les journaux de droite exploitèrent les braves et les méfaits des rois, la ligue contre la projection du film et se réclamèrent vigilement l'interdiction. L'Age de l'Empire et le Figeo vont jusqu'à préconiser un véritable Empire chrétien et un véritable fascisme dans les spectacles.

Police et Ministère sanctionnent l'agression

Le 5 décembre, le préfet de police par l'intermédiaire de la censure signa au directeur de l'Empire qu'il s'interdisait, la projection, dans le film, des « deux passages d'obscènes ».

Le 8, la performance de police laissa, directement cette fois, la suppression du passage. On ne rien ne mentionne ce passage dans le programme du film.

Le 9, M. Maistre, directeur du Studio 28, se voit à présenter le film à une commission d'appel le lendemain. Le 10 au matin, les journaux informés par les notes de la censure de police, annoncent l'interdiction du film. Le directeur du Studio 28, se l'appropriant que le soir. Le 11, le visa d'appel à huit le 12 le visa de la censure est officiellement retiré et le film interdit.

M. Maistre est persécuté et la presse de droite réclame pour lui le maximum de la peine. Le 12, les deux copies existantes du film sont saisies par la police. L'une au Studio 28, l'autre au domicile du directeur.

En intervenant contre les victimes de l'agression, le préfet de police d'accord avec le ministre de l'Intérieur, donnait raison aux agresseurs.

Excitations et provocations

Entreprenez, M. Le Procureur de la République, les agissements provocateurs du film. Et lorsque parurent les images de l'admirable train dans le ruisseau, les nervos des deux lignes lancées de l'œuvre vaudraient à l'écran, jetèrent des boules de papier, allèrent des boules fumigères et attaquèrent les spectateurs à coups de marteaux, afin de voler la salle.

Les spectateurs réagissant vigilement et assistant, malgré les agresseurs, à toute la projection du film.

Les « envoyés extraordinaires » de ligue ne sont pas satisfaits. Ils interviennent dans la salle d'exposition, coupent la ligne téléphonique, brisent les vitres, ébranlent le mobilier, lancent les tableaux exposés. Nalva, dit Dali - collaborateur de Buñuel - Max Ernst, Man Ray, Miró et Tanguy. Ils vont même jusqu'à voler des œuvres et des livres exposés. Les dégâts ont été évalués à 40.000 francs.

À la sortie de la représentation, les spectateurs au nombre de l'indignation, réclament et signent une protestation contre les violences et les bris de vitres des ligues vandales. Un certain nombre se rend au bureau de police où cinq des agresseurs se trouvent retenus « pour vérification d'identité ».

Une campagne de la presse nationaliste

Le sac du Studio 28 fut comme un signal qu'attendait la presse nationaliste. Le lendemain et les jours suivants, les journaux de droite exploitèrent les braves et les méfaits des rois, la ligue contre la projection du film et se réclamèrent vigilement l'interdiction. L'Age de l'Empire et le Figeo vont jusqu'à préconiser un véritable Empire chrétien et un véritable fascisme dans les spectacles.

Police et Ministère sanctionnent l'agression

Le 5 décembre, le préfet de police par l'intermédiaire de la censure signa au directeur de l'Empire qu'il s'interdisait, la projection, dans le film, des « deux passages d'obscènes ».

Le 8, la performance de police laissa, directement cette fois, la suppression du passage. On ne rien ne mentionne ce passage dans le programme du film.

Le 9, M. Maistre, directeur du Studio 28, se voit à présenter le film à une commission d'appel le lendemain. Le 10 au matin, les journaux informés par les notes de la censure de police, annoncent l'interdiction du film. Le directeur du Studio 28, se l'appropriant que le soir. Le 11, le visa d'appel à huit le 12 le visa de la censure est officiellement retiré et le film interdit.

M. Maistre est persécuté et la presse de droite réclame pour lui le maximum de la peine. Le 12, les deux copies existantes du film sont saisies par la police. L'une au Studio 28, l'autre au domicile du directeur.

L'AGE D'OR

Le film d'Or a été présenté à Paris le 28 novembre 1930. Il avait reçu le visa de la censure française. Il a passé sans incident au Studio 28, du 28 novembre au 2 décembre.

En cours de la projection du mercredi 2 décembre, des communistes ont « colonisé » d'un jeunisme antijuif et ont tenté de hurler « Mort aux Juifs » et d'appeler les « Chrétiens de France » à l'action violente contre le film. Et lorsque parurent les images de l'admirable train dans le ruisseau, les nervos des deux lignes lancées de l'œuvre vaudraient à l'écran, jetèrent des boules de papier, allèrent des boules fumigères et attaquèrent les spectateurs à coups de marteaux, afin de voler la salle.

Les spectateurs réagissant vigilement et assistant, malgré les agresseurs, à toute la projection du film.

Les « envoyés extraordinaires » de ligue ne sont pas satisfaits. Ils interviennent dans la salle d'exposition, coupent la ligne téléphonique, brisent les vitres, ébranlent le mobilier, lancent les tableaux exposés. Nalva, dit Dali - collaborateur de Buñuel - Max Ernst, Man Ray, Miró et Tanguy. Ils vont même jusqu'à voler des œuvres et des livres exposés. Les dégâts ont été évalués à 40.000 francs.

À la sortie de la représentation, les spectateurs au nombre de l'indignation, réclament et signent une protestation contre les violences et les bris de vitres des ligues vandales. Un certain nombre se rend au bureau de police où cinq des agresseurs se trouvent retenus « pour vérification d'identité ».

Une campagne de la presse nationaliste

Le sac du Studio 28 fut comme un signal qu'attendait la presse nationaliste. Le lendemain et les jours suivants, les journaux de droite exploitèrent les braves et les méfaits des rois, la ligue contre la projection du film et se réclamèrent vigilement l'interdiction. L'Age de l'Empire et le Figeo vont jusqu'à préconiser un véritable Empire chrétien et un véritable fascisme dans les spectacles.

Police et Ministère sanctionnent l'agression

Le 5 décembre, le préfet de police par l'intermédiaire de la censure signa au directeur de l'Empire qu'il s'interdisait, la projection, dans le film, des « deux passages d'obscènes ».

Le 8, la performance de police laissa, directement cette fois, la suppression du passage. On ne rien ne mentionne ce passage dans le programme du film.

Le 9, M. Maistre, directeur du Studio 28, se voit à présenter le film à une commission d'appel le lendemain. Le 10 au matin, les journaux informés par les notes de la censure de police, annoncent l'interdiction du film. Le directeur du Studio 28, se l'appropriant que le soir. Le 11, le visa d'appel à huit le 12 le visa de la censure est officiellement retiré et le film interdit.

M. Maistre est persécuté et la presse de droite réclame pour lui le maximum de la peine. Le 12, les deux copies existantes du film sont saisies par la police. L'une au Studio 28, l'autre au domicile du directeur.

Le scénario

écrit par SALVADOR DALI et LUIS BUNUEL

Des scénarios vivants dans les rêves, criant sur un de ces vachers, se laissent avec un groupe d'archers, vagues qui chantent dans un paysage minéral. Les bandes sont au-dessus à nos amis la présence tout vire d'Or de Majorquins (ce sont les arches). Arrivé dans un paysage, il trouve ses amis dans un pays réel de fabulisme et de dévotion. Ils prennent les armes et sortent. Mais la perception du film laisse au moment à marcher par terre. Alors le chef des bandes d'affaires se met à marcher par terre. Tous se dirigent vers l'endroit où reviennent les vaches de Majorquins à l'antichambre des autorités qui soulèvent le cortège, la foule se découvre.

Il s'agit de fonder la Rône impériale. On pose la première pierre, quand des cris perçants déconcertent l'attention générale. Dans la boue à deux pas, un homme et une femme tentent amoureusement. On les sape. On frappe l'homme et des pierres l'entraînent.

Cet homme et cette femme sont les protagonistes du film. L'homme, grâce à un document qui révèle sa haute personnalité et l'importance mission humanitaire et patriotique que le gouvernement lui a confiée, est bientôt remis en liberté. À partir de ce moment, toute sa activité tourne vers l'amour. Au cours d'une scène d'amour inaccoutumée, il se livre à une conversation avec sa femme, qui est chargée de la responsabilité de la mission humanitaire et patriotique. Ce dialogue, qui est un dialogue de bien-être et d'efforts incessants, est interrompu par la violence des scènes suivantes, le protagoniste est appelé au téléphone par le haut personnage qui l'a chargé de la responsabilité de la mission humanitaire et patriotique. Ce dialogue, qui est un dialogue de bien-être et d'efforts incessants, est interrompu par la violence des scènes suivantes, le protagoniste est appelé au téléphone par le haut personnage qui l'a chargé de la responsabilité de la mission humanitaire et patriotique.

Você me fala de surrealismo. Em certas atividades (na poesia, por exemplo) não se conseguiu ir mais longe. Mas, como dizia tristemente Breton, há alguns anos: "Ninguém se escandaliza com mais nada". Lembro de uma sessão de A Idade de Ouro, há seis ou sete anos, em Londres. Apenas uma senhora na sala ficou chocada. Em 1930, no Studio 28, os fascistas haviam quebrado as poltronas, gritando: "Morte aos judeus!" Houve denúncias na Câmara dos Deputados e o filme foi proibido pelo chefe de polícia Chiappe.

Como eu faço meus filmes? Simplesmente me divirto, desenvolvendo situações que imagino. É uma brincadeira. Não quero demonstrar nada. Um filme, para mim, deve ser divertido. Se não rimos é porque o filme é ruim. É possível ser mau com humor. Você pensará, sem dúvida, que se trata de um lugar-comum, mas a maldade me parece mais interessante do que a virtude. Uma velhinha que vai todos os dias à igreja e que faz a cari-

dade, é bom. Uma garotinha estuprada por vagabundos, é melhor.

Evidentemente, a religião me preocupa muito. Minha passagem pelos jesuítas me marcou profundamente. O surrealismo foi uma libertação. Tenho 66 anos, sou ateu e morrerei ateu. Viridiana é anti-religioso? Sacrílego? Em todo o caso, de início, eu não tinha tomado partido. Se mostrei um leproso vestido de noiva é porque a imagem me agradava. O jantar dos mendigos, em que todo mundo quis ver uma evocação à Última Ceia, foi improvisado no estúdio. Faltavam três "apóstolos". Pedi ao cabeleireiro e a dois técnicos para sentarem à mesa.

A idéia de fazer Viridiana ocorreu um dia em que eu me perguntava: "Como um senhor de idade, que sonha possuir uma bela mulher, pode conquistá-la?" É muito simples. Ele dá a ela um narcótico. Para que isto fosse mais chocante no filme, transformei o velho senhor no tio de uma jovem noviça num convento. Devo o

final do filme à censura espanhola. Inicialmente, filmei Viridiana e seu primo sozinhos num salão. Todo mundo esbravejou, então, mandei-os jogar baralho com a empregada - o que é bem pior.

No que se refere ao Diário de uma camareira, adaptei, sem dúvida, muito livremente o romance de Mirbeau, que era inaceitável na forma original. No cinema, a perversão sexual me diverte, na vida, ela me repugna. No cinema, um senhor que lança um ovo sobre a cabeça de um outro não me diverte. Entretanto, um fetichista que coleciona sapatos de mulheres denominados "Aurora boreal", parece muito mais engraçado. Posto isto, o erotismo caminha junto com o sentimento do pecado. Sem religião (cristã, sobretudo), o erotismo é menos interessante. Quanto mais se é cristão, maior o gozo.

A idéia de O Anjo exterminador surgiu quando me encontrava num salão com amigos. Disse-me: "Pensemos em coisas estranhas. Imaginemos que essas pessoas não possam sair do salão". Se as personagens do filme são tão elegantes, é para que sua degradação seja maior. Com mendigos, seria menos grave: eles já são fisicamente degradados.

Estou montando meu último filme, Bela da Tarde, com Catherine Deneuve. Uma mulher casada e rica vai se oferecer a desconhecidos num bordel, porque quer ao mesmo tempo se sujar e expiar sua falta. Mostro tudo isso (pelo menos assim espero) com humor. Recordo que no México riam muito durante as projeções de El Entretanto, Jacques Lacan, em Paris, mostrou-o a seus alunos como um exemplo de paranóia.

De fato, não gosto verdadeiramente de nenhum de meus filmes. Prefiro El, Los Olvidados e Viridiana, mas podem queimá-los, para mim é indiferente. Tenho um temperamento destruidor. Na estréia de O cão andaluz, quis realizar um ato surrealista e queimar o filme: Breton impediu-me. Quando queimavam as igrejas na Espanha, eu tinha vontade de incendiar o Museu do Prado. Se amanhã o Louvre explodisse, isso me deixaria completamente frio.

Entrevista concedida à jornalista Yvette Romi, da revista Le Nouvel Observateur, logo após a conclusão das filmagens de Bela da Tarde, em Paris, e publicada em 28/12/66.

WOODSTOCK

Jorge Ferreira Silva

Nestes dias foram comemorados os 20 anos de um momento sociológico marcante do século e talvez da humanidade.

Este acontecimento foi lembrado em prosa e verso nos meios de comunicação, com as mais pitorescas e exageradas lendas, características óbvias do sensacionalismo.

Nossa proposta é outra. Pretendemos lembrar esses fatos através de uma análise que nos ajude a acompanhar especificamente as inquietações da juventude.

Durante todo o século, os movimentos juvenis se manifestaram com propostas de transformações radicais, enfrentando as instituições e seu arrogante controle do poder. Essas manifestações têm ocorrido em diversos lugares: América Latina, Estados Unidos, França, URSS (antes de 1917), Espanha, Coréia e recentemente na China. Mas, nos anos 60, elas se mostraram mais intensas e ruidosas do que em outras épocas, como Woodstock, que deixou uma marca na história sem antecedentes similares.

Os gritos de mudança que se limitavam a reivindicações políticas e econômicas, se manifestavam agora por meio da música, da poesia, do teatro, do cinema, da arte em geral, rachando com o "bom comportamento" burguês, desinteressando-se pelo lucro e pela ordem estabelecida, burlando e questionando a obediência às instituições partidárias.

Os 500 mil participantes e o milhão e 500 mil que não conseguiram chegar até o local por causa do congestionamento nas estradas, representaram uma geração que se caracterizou por enfrentar o sistema com outras armas. Os grupos de rock que se espalharam por todo o planeta desde o começo da década de 60, cantavam à beira do maior abismo entre gerações que se abria até aquele momento.

Foi a quebra da bolsa dos valores morais: as experiências com drogas na ordem do dia, as famílias querendo entender, os cabelos que cresciam, as saias que subiam um palmo ou mais acima do joelho, era um profundo "vale tudo".

Esta geração, hoje ironizada por seu pacifismo e seus utópicos sonhos, que estava muito entusiasmada em fazer história e pouco interessada em ganhar dinheiro, quis selar de alguma forma, aquilo que suas propostas ou antipropostas representavam.

Habie Hoffman (que se

suicidou meses atrás) disse há poucos anos que, certamente, quando fosse escrita a história desse tempo, Woodstock seria lembrado como um acontecimento maravilhoso, onde se conseguiu reunir por três dias consecutivos os músicos mais criativos de toda uma geração.

O FESTIVAL

O festival superou as expectativas. Uma granja perto de Woodstock (cidadezinha do norte do estado de Nova Iorque) onde durante alguns anos morou Bob Dylan, foi alugada por quatro jovens, com idade média de 25 anos, para realizar, em agosto de 1969, um festival de música em nome da Paz e do Amor. Era esse o lema do encontro.

Artie Kornfel, Mike La-

SHA-NA-NA
GRATEFUL DEAD
ARLO GUTHRIE
RICHIE HAVENS
JIMI HENDRIX
INCREDIBLE
STRING BAND
JOHNNY WINTER
RAVI SHANKAR
SLY AND THE FAMILY STONE
BERT SOMMER
SWEETWATER
TEN YEARS AFTER
THE WHO

Apareceram 500.000 pessoas, que, junto com os artistas e os organizadores, fizeram a festa no "espírito da coisa".

Apesar de ter sido organizado um cronograma das apresentações devido ao grande número de participantes, os grupos e os solistas foram passando pelo palco com a naturalidade e a espontaneidade da época.

filme ou histórias que possam transmitir.

ALGUMAS REFLEXÕES

Woodstock não voltará a acontecer. É um fenômeno que não se repetirá, apesar das mais variadas tentativas. Mesmo que já tenha sido superado por outros eventos em relação ao número de participantes, ainda assim eles não passaram de uma farsa, como por exemplo aquela na Ilha de Wight.

Nossos pais tinham preparado tudo para que nossa geração fosse a mais bem educada e culta da história, num tempo em que a TV ainda não padronizava as cabeças. Mas nós (a geração dos anos 60) começamos a reivindicar autonomia, tínhamos idéias próprias e novos valores. E eles realmente não gostaram.

de dormir, oferecendo banheiros pagos, muita polícia e guardas especialmente contratados para acalmar os exaltados que tentavam reagir a tanta provocação. Claro que os preços cobrados eram sempre absurdos porque o único fim era ganhar o máximo possível, no menor tempo e com o mínimo de esforço. O empresário sabe que as pessoas pagam qualquer preço para ver seus ídolos, os quais pouco se importam com a violência provocada por esses vampiros, já que eles são contratados para fazer um jogo de futebol num horário diferente.

Woodstock e sua geração escaparam disso. Todos cresceram e, bem ou mal, foram cuidar de suas vidas. John Lennon deu o toque: "O sonho acabou". A chama foi se apagando e a juventude rebelde desapare-

rito rebelde" atordoou o planeta tocando rock. O rock continua, apesar da geração ser, evidentemente, outra. O "espírito rebelde" dormita por enquanto nas profundezas da geração "saúde".

Quase tudo mundo entrou no esquema e, quem não, entrou, com certeza, mora em comunidades rurais ou perambula pela periferia do sistema, resistindo e sofrendo uma grande crise existencial, percebendo que ninguém reage frente aos problemas que continuam a ser os mesmos de antes.

Os políticos continuam corruptos e mentirosos como sempre, e a juventude mostra-se apática, enfrentando longas filas para tirar título de eleitor.

Ninguém questiona o serviço militar obrigatório, que para nós é um grande absurdo.

Qual é a pátria hoje? o FMI ou o Banco Mundial?

Quase não se questiona o fato da energia nuclear continuar nas mãos dos militares. Todavia, trata-se de um assunto muito delicado e a população deveria ser, evidentemente, informada sobre o perigo que corre, para poder dizer se aprova ou não esse monopólio.

Vivemos uma crise econômica internacional. A incredibilidade e a incompetência dos governos também é internacional. Isso sem falar do desequilíbrio ecológico. O PLANETA FEDÉ. E a juventude, cadê?

Honra seja feita, claro, aos estudantes coreanos que não tiram o "reto" da reta e também aos estudantes chineses, que fizeram seu cerco ao pentágono, seu "maio" com 20 anos de atraso e heroicamente. Que a verdade seja dita.

Só movimento Punk tem reagido a toda pasteurização sem vida, usando como tática o confronto direto e violento.

As forças repressivas, evidentemente, estão mais bem equipadas do que antes, e a juventude em geral mostra-se pouco animada. Tudo foi estudado e preparado para que assim fosse. Os conservadores, controladores de mentes juvenis respiram aliviados. Está tudo tranquilo, não há perigo. O show pode continuar.

Richard Neville em seu livro Play Power diz: "Nossa sub-cultura saiu das trevas, caminhou para as paradas de sucesso, para as Odeons e RCAs da vida, rumo às grandes manchetes. A brilhante e evasiva borboleta pousou nos ombros destas novas gerações".



ne, John Roberts e Joel Rosenman trabalharam várias semanas preparando uma das colinas do granjeiro Max Yasgur esperando receber de 50.000 a 100.000 pessoas para escutar:

JOAN BAEZ
THE BAND
BLOOD, SWEAT AND TEARS
PAUL BUTTERFIELD
BLUES BAND
CANNED HEAT
JOE COCKER
COUNTRY JOE AND THE FISH
CREDENCE CLEARWATER REVIVAL
CROSBY, STILLS, NASH AND YOUNG
JEFFERSON AIRPLANE
JANIS JOPLIN
JOE MC DONALD
MELANIE
MOUNTAIN
QUILL
SANTANA
JOHN SEBASTIAN

Aqueles que deviam apresentar-se durante uma hora, acabavam "viajando e improvisando durante duas ou três horas, saíam do palco e continuavam tocando e cantando nos bosques, voltando em seguida para o palco, como se cada um quisesse oferecer sua música a esse clima de Paz e Amor que estava acontecendo.

Com a rigidez quebrada dentro da própria estrutura do festival, o que restou foram 72 horas de curtidão geral.

As duas crianças que nasceram durante o festival, fizeram 30 anos em agosto. Talvez sejam punks ou "geração saúde", mas so-breviveram ao nascer no meio de uma tempestade de chuva, de folk, de paz, de rock, de amor e de blues.

Três discos e um filme registram hoje parcialmente aquela comunhão cósmico-musical. O que significou para quem esteve ali, não há

Esta geração, carregada de desafios, questionou qualquer tipo de autoridade e seu comportamento idiota, obediente e hierarquizante. Questionou os militares, a polícia, os governos e seus políticos mentirosos. Questionou o sistema em geral e este começou a reagir impondo a base mercantilista do "nunca dê nada de graça" ou "nunca dê mais do que você precisa dar".

Por que permitir que 4 desconhecidos aventureiros façam com que 500.000 pessoas vivam uma harmonia solidária durante 3 dias e 3 noites e o mundo fique sabendo que isso é possível simplesmente pelo tesão de fazê-lo?

Muitos empresários de olho gordo perceberam que se tratava de um ótimo empreendimento, e organizaram outros festivais de música, mas com a intenção de vender hambúrgueres, cervejas, refrigerantes, sacos

deu lentamente, ou melhor, retirou-se de um cenário que já não tinha mais razão de ser, sem o espírito que lhe dava vida.

Os comerciantes "invadiram a praia" e tudo tornou-se artigo de consumo. As roupas, os colares, começaram a aparecer nas vitrines da moda, iluminados sobre imóveis manequins.

De um modo geral, grande parte do movimento de contracultura terminou com o festival de Woodstock. Não existe um movimento de contracultura hoje como aquele de 20 anos atrás, e qualquer ação nesse sentido é rapidamente sufocada e esquecida.

SÍNTESE

Os Beatles, os Rolling Stones e Bob Dylan inovaram o velho Rock and Roll, conquistando lugares de destaque para o Rock no começo da década de 60.

Essa geração de "espí-

PARAÍSO INFERNAL

O teatro de Antunes Filho e Nelson Rodrigues

Edson Passeti *



Gabriel Cabral

O teatro de Antunes Filho, busca como ele mesmo afirma, "formalizar um novo sistema para uma estética e sistematicamente subvertê-lo. Agregar-se sempre, a bem da saúde espiritual". Por espiritual, junguianamente, ele entende algo mais elevado que o intelecto: aquilo que o abarca juntamente com os estados afetivos. Tudo se encontra em movimento, nada é definitivo: lições ou verdades. A arte procura o devir sendo a tragédia a forma pela qual o homem poderá sair, definitivamente, da caverna. A dramaturgia de Nelson Rodrigues, apresenta-se como material constantemente renovável para identificar, desnudar e movimentar uma ética que se encontra no quarto escuro entre carentes e miseráveis tropeçando, em oposição à ética nobre da tragédia grega, constituindo planos para uma estética da tragédia dos miseráveis.

Sabendo falar internacionalmente sem ser colonizado, ou brasileiro sem ser nacionalista, o teatro de Antunes Filho, continua questionando modismos, efeitos desnecessários e criações espelhadas no exterior como o certo. Indo para Nova Iorque para encenar Nelson Rodrigues com atores latinos - porque não saberia o que fazer com atores norte-americanos - ou preparando a adaptação de "Salomé", de Oscar Wilde, com o CPT-SESC, ele parece permanecer louco-tranquilo, porque aprendeu o que é tolerância com a paidéia grega e, porque nela não sucumbiu, deve saber que a transcendência, esse fundamento filosófico, se encontra em utopias. A função social do homem-teatro está em ser heterotópico. E seu teatro o é.

Os atores são preparados não em função de métodos tradicionais, mas pela adição. Primeiro, pela constatação de que sem filosofia os danos psíquicos ao ator, com o tempo, são fatais e, depois, pelo aprimora-

mento técnico objetivando viabilizar-se para o público. Vida em movimento, busca de harmonia, no sentido de integrar o ator, cenário, iluminação e texto, em função de um espetáculo que longe de presentear o espectador com uma síntese pacificadora, brinda-o com elementos capazes de colocá-lo em instabilidade.

Assim como os atores incorporam conhecimentos vindos do oriente adquiridos com o grupo japonês SUZUKI, a respeito de concentração e deslocamento de energia na parte inferior do corpo, do TAI-CHI-CHUAN, os movimentos sem intelecto ou de KAZUO ONO a respeito da flutuação, colocam em instabilidade os conhecimentos ocidentais ao mesmo tempo em que harmonizam-se com estes. Tudo para que não se atinja com Nelson Rodrigues representações, "mas uma carga arquetípica aposta à personagem".

A dicotomia essência/aparência se pretendida, fica confinada a um discurso de verdade que é atravessado na encenação pela realização de uma arte trágica onde os dois elementos permanecem atuantes. Se houvesse uma essência, nós espectadores estaríamos descobrindo a natureza humana, como se um ponto convergente de acontecimentos pudesse estaticamente, ser definido como origem. Mas como para cada diurno há um noturno que se refaz e somente uma arbitrariedade racional pode demarcar uma origem, o movimento das coisas se dá visando o acontecimento, um presente. A estabilidade do ator em função do acontecimento teatral cria condições para que texto, luz e cenário, nessa situação, instabilizem o espectador. Cria-se a experiência radical que a arte é capaz de provocar.

"Paraíso, Zona Norte", como salientou Mariângela Alves de Lima, noutra ocasião, também "não põe em cena diferentes interpretações do real mas apreensões de verdades. (...) Não se trata de um discurso sobre alguma coisa e que resulta pelo esforço da razão, no entendimento lúcido da vida que vivemos. Trata-se de instaurar, através do enigma da arte, outra consciência". Devemos entender por consciência aqui, a situação de instabilidade provocada sobre as certezas do espectador, porque já a provocou, anteriormente, naqueles que construíram o espetáculo. Ela não cria uma boa consciência, nem tampouco, rodrigueanamente, a busca de um psicanalista que é sempre criticado, mas de fundamentos psicanalíticos. "Com seu direito de mergulhar até o inconsciente", reafirma Mariângela Alves de Lima, "o teatro pode trazer à tona, sentidos que só encontram uma representação parcial no discurso histórico".

As verdades construídas como verdades de poder atravessam as duas peças escolhidas para compor esse "Paraíso: Zona Norte": A FALÉCIDA (1953) e OS SETE GATINHOS (1958). Sábado Magaldi não só reconhece a adequação do título a essa parte das conhecidas como "tragédias caricatas", como concebe as duas peças formando uma dialógica. Na primeira, Zulmira, uma dona de casa de Aldeia Campista, procurará na morte aquilo que a vida suprimiu. Num tempo em que vivos são aqueles considerados produtivos, Zulmira, sem saber, era uma morta-viva. Na segunda, Noronha, um funcionário público do último escalão, morador no Grajaú, procura a pureza na filha mais jovem, virgem, que estuda num internato, sem saber que o confinamento é a patologia da normalidade. Tragédia.

Zulmira, em A FALÉCIDA, parece

uma Capitu suburbana, vivendo esperança na morte, nas profecias da cartomante e na purificação pela teofilia. Sua via era medfocre, sem paixão, vivendo com um Tuninho, seu marido, que não compartilhava seus prazeres. Até que um dia, num impulso, no banheiro de uma sorveteria, transa com Pimentel de quem se torna amante até ser descoberta por Glorinha, sua prima, falsa loira, que extirpou um seio devido ao câncer. A cartomante falou de uma loira a lhe desgraçar, a teofilia lhe falará de como saldar uma culpa. Mais do que isso, a morte calará Glorinha, porque além de todas vizinhas poderem vê-la inteira, um grande funeral será providenciado. Sua última vontade e, vontade de moribunda não se questiona. Pede ao marido que apresente-se ao Pimentel como primo, lhe peça o dinheiro para o enterro e vá à Funerária São Geraldo efetivar o pedido que ali deixara pronto. O marido descobre "tudo", lhe dá o pior enterro, e vai para o Maracanã apostar com a galera num Vasco e Flamengo. Solitário, abatido, ainda desempregado, volta para a Aldeia Campista. Fim.

Abaixo o naturalismo. O que assistimos é um cerimonial suicida, onde gradativamente, por hipnose, vamos compartilhando os confrontos Zulmira/Glorinha, Zulmira/Tuninho, Tuninho/Pimentel e Pimentel, o amante e Timbira, o agente funerário, que apaixonado por Zulmira não consegue realizar sua paixão. Zulmira descobre prazer com Pimentel mas está presa ao casamento e à vigilância da prima. Tuninho, desempregado, fraqueja frente às negativas da "patroa" chegando até a pensar em "cantar" Glorinha por sugestão de Zulmira teofilista. Se Zulmira é ingênua para acreditar que pedido de moribundo não se questiona é esperta para propor Tuninho com Glorinha, o que a livraria dá culpa, da teofilia, lhe devolvendo o prazer, com Pimentel ou qualquer outro. Mas o câncer, a ausência do seio em Glorinha, lhe obriga a rir-se dela junto com Tuninho, reservando-lhe a morte pela tuberculose. Uma morte com enterro de luxo, para redimir-lhe de tanta miséria. A Tuninho resta-lhe o Vasco, a Timbira a expressão "mulher até prá morrer é vigarista" e a Pimentel, outras tantas amantes. Por um instante cada um deles se apresenta como poderoso, mas na multiplicidade das forças encontram-se sob uma dominação que lhes aniquila corpos e mentes.

A encenação de Antunes Filho, sublinha gestos, sílabas, silêncios que nos libertam das seguranças morais para espelhar-nos e tudo se fechar num black-out. Um campo do inconsciente pode ter sido iluminado. Jamais o iluminaremos plenamente.

Sob o mesmo cenário, uma estação do metrô, de trem, nave, útero, transparente, as luzes se acendem para os SETE GATINHOS. Se A FALÉCIDA começava com Zulmira consultando a cartomante, aqui, Aurora, filha de Noronha, encontra Bibelot, o pivô da "desgraça" da família. Sabemos que as filhas se prostituem para preservar a virgindade de Silene, a caçula, que deverá casar-se, acompanhada pelo pai até o altar. Na casa, Gorda, a mulher de Noronha convertido à teofilia, agencia as filhas e escreve palavrões e desenha obscenidades no banheiro, conforme sabermos mais tarde. Como para Zulmira não basta a cartomante, nem tampouco a teofilia, na casa de Noronha também não bastando a teofilia, o espiritismo se faz presente. Noronha foi

informado pelo espírito de Barbosa Coutinho, médico e poeta de D. Pedro II, que as filhas são prostitutas e que o homem que chora por um olho só, destruirá sua família. Isso é confirmado pela filha Hilda quando "recebe" o espírito do primio Alípio. Sabemos mais tarde, também, que Noronha indica as filhas para os deputados da Câmara. A religião aparece pelo sincretismo, como ponte para manter o sujeito numa realidade onde é subordinado: no emprego, aos espíritos de luz, à força paterna, à teofilia, aos desejos. Poucas vezes são superiores: "seu" Saul, cujo desejo foi-lhe extirpado por estilhaço de granada durante a guerra, é um próspero dono de armazém; dr. Bordalo que era o "bom médico" do bairro revela-se desejoso da própria filha e para satisfazer seu desejo, aceita a oferta de Noronha, a filha mais jovem, levando-o ao suicídio. Bordalo que defende a moral da sociedade acusando Noronha de querer transformar sua casa em bordel, destruindo a família, aceitará Silene, mas antes pedirá a Aurora que lhe cuspa na cara. Comunica que não quererá beijo da filha no caixão - porque o desejaria vivo - ouvindo como réplica de Noronha que desejará que todas as filhas lhe beijem. Noronha, sonhava com uma última e única "vantagem", permanecer vivo e à sua família, preservando a pureza de Silene. Mas, Dr. Portela, emissário do colégio não só comunica que Silene foi expulsa por atacar a pauladas uma gata, que morta, pariu sete gatinhos, como recomenda tratamento psiquiátrico. A fala institucional é ameaçada por Noronha que não pode admitir que a sobrevivência de sua família, Silene, tenha acabado. O empertigado Dr. Portela é ameaçado pela família, é testado, mas não é ele o homem da lágrima num só olho.

Aurora recebe Bibelot em casa que lhe comunica que sua "patroa" agoniza com câncer. Aurora já sabe que ele é o pai do filho da irmã. Tenta convencê-lo a casar-se com ela e recebe como resposta: "quero te ver na zona". Cria-se a situação para Noronha matá-lo. Mataram o macho. Bordalo suicidou-se. Saul não tem desejo. Noronha "teofilou".

Gorda e as filhas enlouquecem mais uma vez. Quando descobrem que Silene não é mais pura, querem o dinheiro de volta: Aurora sonha com Bibelot, Hilda com o quanto pode "faturar" em Santos, Débora livra-se de agenciar mulheres para velhos e Arlete quer dar vasão ao seu lesbianismo. Agora, Hilda força Noronha a chorar. É ele o homem que chora por um olho só. Morte. As mulheres se debatem. Caos? Liberdade? Livres daquele pai que conversando com Dr. Bordalo lhe dizia: "veja, elas não vão embora". Atônitas, livres do pai e do marido, estarão livres?

O que a dramaturgia de Nelson Rodrigues e a arte radical de Antunes Filho nos dizem é que se a liberdade absoluta inexistente, formas de liberdade sempre haverá para superar estratégias de poder.

Se, ler Nelson Rodrigues por sua biografia é unilateral, vivenciar uma experiência artística é fazer uma "prova de fogo" com as nossas certezas. Se a oposição Ciência/Ideologia é um discurso histórico constitutivo de verdades que desqualifica outras, a oposição Ciência/Arte também caracteriza-se como solução fácil de negação de evidências e de realidade. Na multiplicidade, discursos de verdade se constituem construindo riquezas e dominações. Arte e Ciência não estão dissociadas porque seus enunciados emanam de uma realidade que não é segmentária mas que é caracterizada como segmentada, como dominação. Ampliar a liberdade é a função da arte e da ciência. Não é um desejo de Estado mas um desejo de vida.

O teatro do CPT continua popular negando-se a nivelar por baixo, evitando com isso o irracionalismo e o populismo. No meio de tanta merda, ainda bem que fomos ao "paraíso, Zona Norte". Aguardando "Salomé"...

* Professor do Departamento de Política da PUC-SP.



René Magritte, Deux Bouteilles

STRESS

O martírio
nas condições de trabalho

E o vento
O vento levita as folhas
E o vento

Música

Branças de papel
Qualquer devaneio
Mártires

Não se deixam morrer
E vivem quando morrem

E o vento
O vento levanta as folhas
de papel
sobre
O devaneio levanta a saia
Branças sobre a mesa

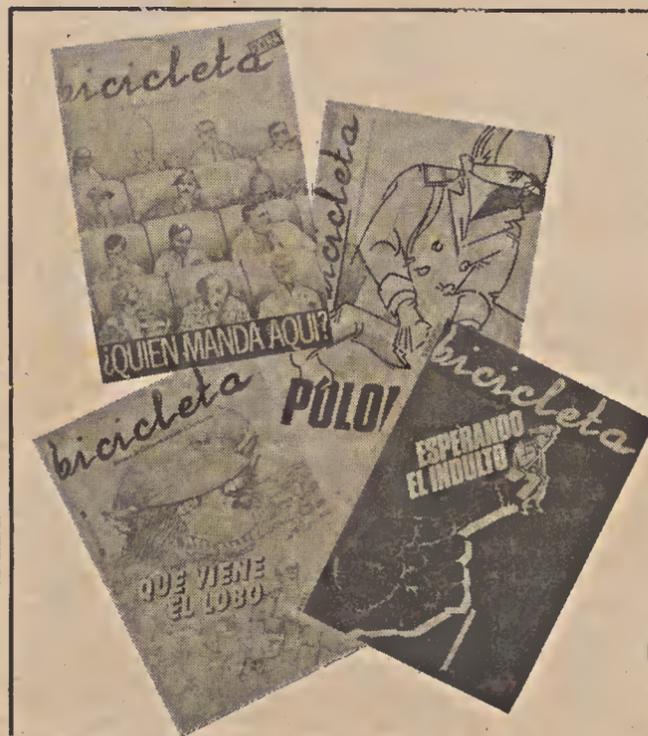
fev88

Ana Cândida Costa

As mais belas capas com

RWA artes gráficas

Rua Gama Lobo, 2205 - Cep 04269 - São Paulo - SP -
tel: 63-2206



- Diaz, C. La Actualidad del Anarquismo
- Marçal, J.B. Primeiras Lutas Operárias no Rio Grande do Sul
- Coelho, C.N.P. - Os movimentos Libertários em Questão
- Rodrigues, E. - Os Libertários
- Vares, L.P. - O Anarquismo
- Bakunin, Kropotkin... - Educação Libertária - Org. Moriyón
- Nettlau, Max - La Anarquia Atraves de los tiempos
- Bakunin - Deus e o Estado
- Bakunin - Federalismo, socialismo, antiteologismo
- Makhno - A "revolução" contra a revolução
- Bakunin - Sangue, Suor e Barricadas
- Campos, C.H. - Sonhar Libertário
- Kropotkin - Textos escolhidos
- Proudhon - Textos escolhidos
- Gertz, René - Memórias de um imigrante anarquista (Estudos Históricos da Imigração no Sul do Brasil)

LIVRARIA 
PALMARINCA

DISTRIBUIÇÃO EDIÇÃO • IMPORTAÇÃO

Rua. Gen. Vitorino, 140 - Sala 14A - 1º andar - Fones: (0512)
24-5133/24-1874 - Caixa Postal 102 - CEP 90020 - Porto Alegre - RS.

Bakunin contra o Moisés do proletariado

Reginaldo Mattar Nasser (*)

A "intelligentsia" de esquerda no Brasil, seguindo a orientação de seus manuais marxistas, costuma definir os anarquistas como pequeno-burgueses radicais que serviram à causa conservadora.

Assim, com o lançamento cada vez mais freqüente de obras anarquistas, somos levados a realizar o desejo do "anjo da história" de W. Benjamin; isto é, voltar ao passado, acordar os mortos e juntar os cacos da história desmistificando as versões oficiais.

Os escritos de Bakunin contra Marx na AIT possibilitam-nos:

- fazer uma crítica à interpretação do Regime Totalitário Russo que o vê como um "desvio" estalinista, na medida em que descreve com perfeição como seria o Estado preconizado por Marx;

- perceber com bastante clareza que os germes da concepção leninista de partido político já se encontrava em seu mestre e

- estabelecer uma relação lógica entre o sistema conceitual marxista e o seu método de ação autoritário.

Vejamos então o debate entre os comunistas e os libertários.

Já desde a sua fundação, em 1864, a AIT abrigava em seu seio duas tendências principais do movimento operário. De um lado, os que preconizavam a conquista do Estado como condição prévia para a emancipação econômica dos trabalhadores e de outro, os que tinham uma concepção negativa da política e propunham a revolução social, isto é, a destruição das

instituições. O que os unia era a luta contra a exploração burguesa do trabalho.

Esta unidade começa a ser desfeita após o Congresso de Basileia, em 1869, e atinge o seu auge em 1871 em Londres, quando Marx, com a pretensão de ser o "novo Moisés" estabelece seus mandamentos políticos a serem seguidos pelo proletariado de todo o mundo. De posse de sua teoria científica, acreditava ter encontrado a verdade absoluta: A CONQUISTA DO PODER POLÍTICO PELA CLASSE OPERÁRIA.

Criticando os marxianos, dirá Bakunin que "o absoluto não existe, não pode existir para a AIT dogma infalível nem, conseqüentemente teoria política ou econômica oficial, e nossos congressos nunca devem assumir o papel de concílios ecumênicos proclamando princípios obrigatórios para todos os associados e fiéis" (pg 20).

Os coletivistas anti-estatais representados pelas federações da Suíça, Espanha, Bélgica e Itália se opõem veementemente contra a resolução dos marxianos.

Qual foi a reação de Marx? Bakunin responde: Na ausência de exército, fuzis e canhões, ele os substitui pelo seu "extraordinário gênio para a intriga", coloca a seu serviço" um numeroso corpo de agentes, hierarquicamente organizados e agindo em segredo sob suas ordens diretas", decreta censura pondo fim a qualquer discussão que abale os pilares de sua eclesiástica disciplina.

Aqui se encontra toda a dramaticidade da teoria Marxista. Construída inicialmente a partir da luta dos trabalhadores contra O CAPITAL, O ESTADO E A IGREJA, a sua força crítica advinha dos ensinamentos desta experiência histórica. No entanto acaba se constituindo como um conjunto de prescrições a serem seguidas à risca pelos trabalhadores. Hegelianamente, Marx concebe que a consciência revolucionária vem de fora dos sujeitos pelas mãos dos "doutos socialistas".

Eis o dilema. Como manter a unidade da AIT? Como estabelecer um mesmo programa político que seja aceito livre e espontaneamente, por todas as federações que compõem a AIT, levando em consideração as diferentes condições sociais, econômicas e culturais do proletariado que a constitui?

O único princípio obrigatório que deve orientar todas as federações é A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES CONTRA OS EXPLORADORES DO TRABALHO. Tal é a solução proposta por Bakunin.

Bakunin faz duas objeções fundamentais ao materialismo marxista. Primeira, negligência o instinto de revolta que está presente no homem. Durante o desenvolvimento histórico da humanidade, o instinto de liberdade ao lado das necessidades econômicas "se torna o agente mais poderoso de todas as emancipações humanas".

E finalmente, vendo o motor da

história na economia, Marx postula que: "A miséria produz a escravidão política, o Estado", esquecendo de acrescentar, dirá Bakunin, que as instituições políticas, por sua vez, cuidam de reproduzir a miséria. Lembrando que, "para destruir a miséria, é preciso destruir o Estado".

Evocando Maquiavel, observa que este constatou muito bem que existe uma lógica que preside a constituição de todo e qualquer Estado, qualquer que seja a sua forma de governo: o uso da "violência sistemática ou contínua, franca ou mascarada, mas sempre imposta às massas por um governo qualquer".

Afim de escamotear a essência do ESTADO, seguindo a orientação de seu mestre Hegel, Marx se utiliza da "astúcia da Razão" e o qualifica de Popular.

Ao tentar prever o que seria tal Estado, Bakunin parece um visionário. O governo cuidará de administrar politicamente os trabalhadores e as riquezas, onde reinará o único banqueiro: o Estado. Surgirá uma nova classe, a dos técnicos, que com a batuta do saber orquestrará uma imensa massa de ignorantes. Assinala assim, o momento em que a ciência se coloca a serviço do LEVIATÃ afim de manter a disciplina de seus súditos.

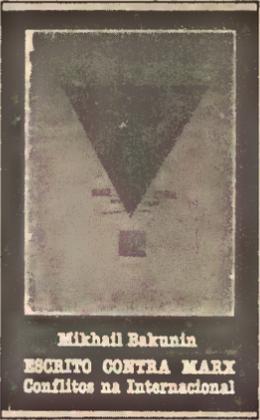
ESCRITO CONTRA MARX - Conflitos na Internacional, Bakunin Mikhail, Tradução Plínio Augusto Coelho - Brasília, DF: Novos Tempos, 1989.

* Professor do Depto. Política da PUC/SP



ESCRITOS
REVOLUCIONÁRIOS

ERRICO MALATESTA



Mikhail Bakunin

ESCRITO CONTRA MARX
Conflitos na Internacional



O PRINCÍPIO DO ESTADO

TRÊS CONFERÊNCIAS FEITAS AOS
OPERÁRIOS DO VALE DE SAINT-IMIER

M I K H A I L
B A K U N I N

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

*** OS ANARQUISTAS NA REVOLUÇÃO RUSSA**

Textos de Alexandre Skirda, Nestor Makhno, Emma Goldman, Alexandre Berkman, Efim Yartchuk, Anatole Gorelik, Piotr Archinov

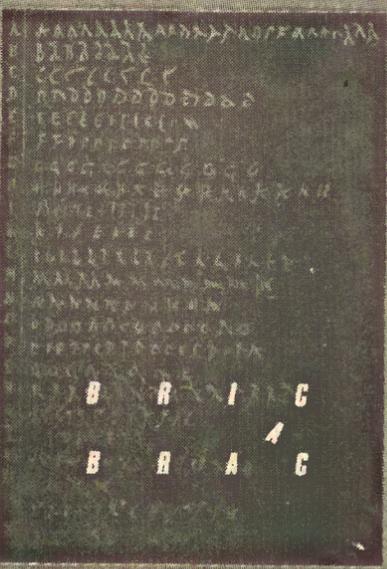
*** SURREALISMO E ANARQUISMO**

Textos de André Breton, Jean Schuster, Benjamin Péret, Jean-Louis Bédovin, etc.



NOVOS TEMPOS EDITORA

Rua General Jardim, 228 - Conj. 11
Fone: (011) 258-9188
01223 São Paulo - SP



B R I G
B R A G

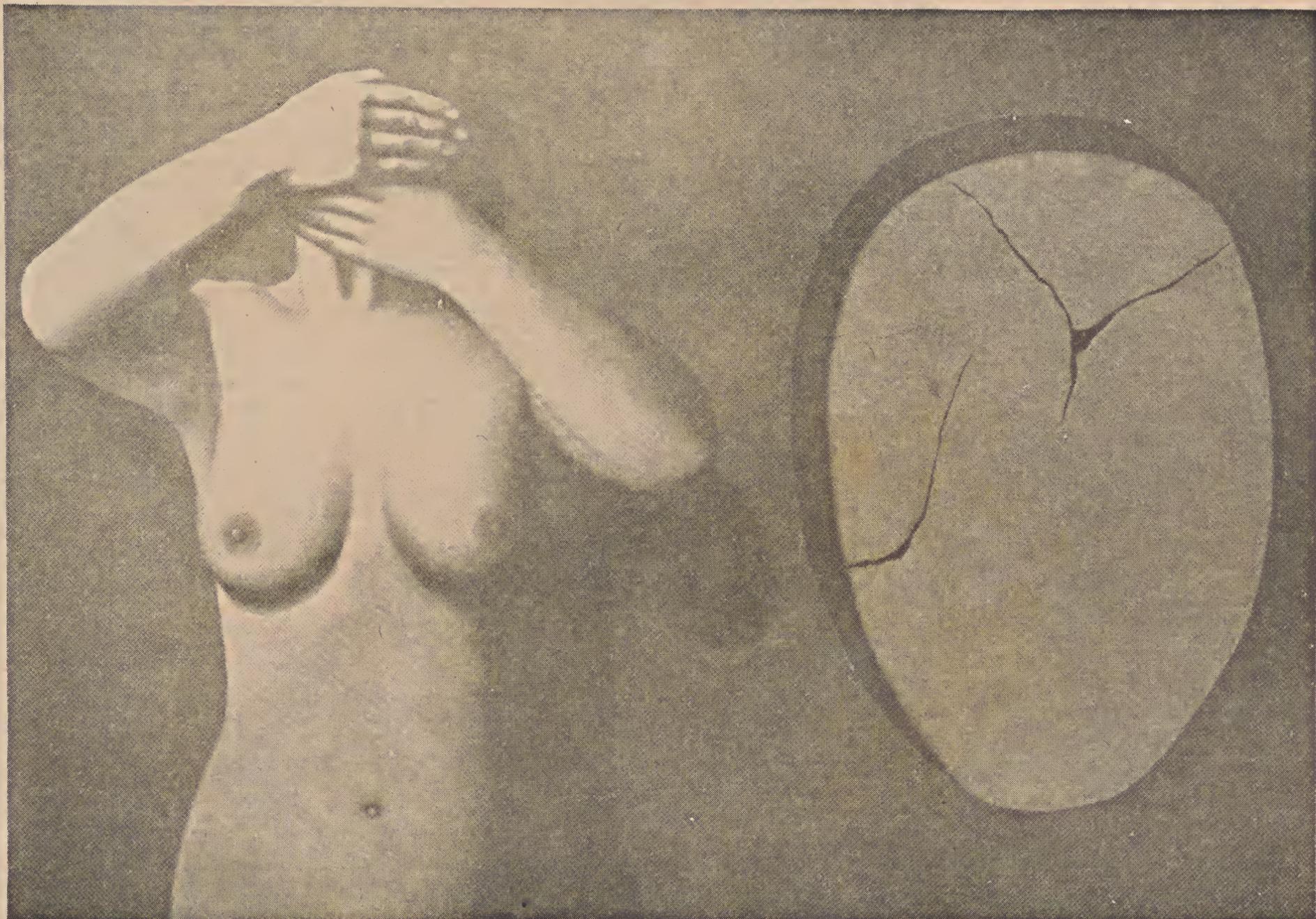
**SUPER-ENTREVISTA COM
MANOEL DE BARROS**

Pedidos de Reembolso Postal para



LIVRARIA PRESENÇA

SDS - Bloco E - Lojas 11/15 - Ed. Cine Atlântida
Fone: 225-5475
70302 - Brasília - DF



René Magritte, Legenne Nocturne, 1928

POEMA

Meus senhores
Isto, não é um poema de amor,
É de mim que vos falo.
Isto, é um vômito
Em trajes de cerimônia
Último tango que dedico
Aos vossos corações de lata
Cidade do acaso
O leite jorra das paredes
E eu ousei dizer não
Eu, o estandarte da vossa impotência
Sou a anti-Eva
Neste paraíso de falocratas.

Não serei mais a Cinderela
Dos homens de negócios
Gin-tônico
Para intelectuais de esquerda.
Vingarei as minhas irmãs
Do eterno suicídio
Da minha companheira.
Serei a cadela raivosa
Nos subúrbios do orgasmo
Moribundo de vossas corações.
Treze vezes o mundo esventrado
Treze balas
Na angústia morna dos calendários.

Jaqueline de la Poubelle

Maldição N° 2, 1988